UNE ✦ SACRA

Hinduísmo

Ioga Sutras de Patanjali

✦ ✦ ✦

Atribuídos a Patanjali

Tradução (edição 1.2)

Créditos

Autor	Atribuídos a Patanjali
Data	c. séc. II a.C. – V d.C.
Idioma original	Sânscrito
Versão	Tradução (edição 1.2)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de Charles Johnston (1912)
Fonte	Project Gutenberg — The Yoga Sutras of Patanjali (Charles Johnston, 1912), eBook 2526
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Os Ioga Sutras, atribuídos ao sábio Patanjali e compostos em sânscrito por volta dos séculos II a.C. a V d.C., são o texto fundador da escola do Ioga, uma das seis escolas clássicas da filosofia indiana.

Em aproximadamente 195 aforismos (sutras) muito breves, divididos em quatro livros, definem o ioga como "o aquietamento das flutuações da mente" e descrevem o caminho para isso: os oito membros (ashtanga) — ética, disciplina, postura, controle da respiração, recolhimento dos sentidos, concentração, meditação e absorção (samadhi) —, os obstáculos do caminho, os poderes que surgem com a prática e a libertação final (kaivalya).

Charles Johnston (1867–1931), irlandês que estudou sânscrito em Dublin e serviu na administração britânica de Bengala, publicou em 1912 esta "interpretação": cada sutra vem traduzido e seguido do comentário dele, de tom espiritual e influenciado pela Teosofia.

Nesta edição, cada sutra é um trecho, com o comentário de Johnston logo abaixo.

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/2526

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Introdução ao Livro I

Livro I — Samadhi

Introdução ao Livro II

Livro II — A prática

Introdução ao Livro III

Livro III — Os poderes

Introdução ao Livro IV

Livro IV — A libertação

INTRODUÇÃO AO LIVRO I

✦

1 Os Yoga Sutras de Patanjali são, em si mesmos, extremamente breves: menos de dez páginas em letras grandes no original. No entanto, contêm a essência da sabedoria prática, apresentada com admirável ordem e riqueza de detalhes. O tema, se este intérprete estiver certo, é a grande regeneração, o nascimento do homem espiritual a partir do homem psíquico: o mesmo tema que Paulo expôs com tanta sabedoria e eloquência ao escrever a seus discípulos em Corinto, o tema de todos os místicos de todas as terras.

2 Pensamos que vivemos uma vida puramente física, nestes nossos corpos materiais. Na realidade, já nos afastamos muito da vida puramente física; há eras, nossa vida tem sido psíquica, temos estado centrados e imersos na natureza psíquica.

2.2 Algumas das escolas da Índia dizem que a natureza psíquica é como um espelho, no qual se refletem as coisas vistas pelos olhos físicos e ouvidas pelos ouvidos físicos. Mas este é um espelho mágico; as imagens permanecem e adquirem certa vida própria.

2.3 Assim, no domínio psíquico de nossa vida, forma-se um mundo de imagens no qual habitamos; um mundo de imagens de coisas vistas e ouvidas e, portanto, um mundo de lembranças; um mundo também de esperanças e desejos, de medos e arrependimentos.

2.4 A vida mental se desenvolve entre essas imagens, construída pela medição e comparação, pelo agrupamento de imagens em ideias gerais; pela abstração, a partir delas, de novas noções e imagens; até que um novo

mundo se forma em nosso interior, cheio de desejos e ódios, ambição, inveja, anseio, especulação, curiosidade, vontade própria e interesse próprio.

3 O ensinamento do Oriente é que todos esses são poderes verdadeiros recobertos por desejos falsos; que, embora psíquicos em sua manifestação, são espirituais em sua essência; que o homem psíquico é o véu e a profecia do homem espiritual.

4 O propósito da vida, por conseguinte, é a realização dessa profecia; o desvelamento do homem imortal; o nascimento do espiritual a partir do psíquico, pelo qual recebemos nossa herança divina e passamos a habitar a Eternidade. Esta é, de fato, a salvação, o propósito de toda religião verdadeira, em todos os tempos.

5 Patanjali tem em mente o homem espiritual, que há de nascer do homem psíquico. Seu propósito é ordenar os meios práticos para o desvelamento e a regeneração, e indicar o fruto, a glória e o poder desse novo nascimento.

6 Ao longo dos Sutras do primeiro livro, Patanjali se ocupa do primeiro grande problema: a emergência do homem espiritual de entre os véus e as malhas da natureza psíquica, os estados de ânimo e as vestes do homem mental e emocional. Mais adiante virá a consideração da natureza e dos poderes do homem espiritual, uma vez livre dos véus e das amarras psíquicas, e uma visão dos domínios nos quais esses novos poderes espirituais se revelarão.

7 Neste ponto, cabe uma palavra de explicação. Perguntaram-me por que uso a palavra Sutras para essas regras do sistema de Patanjali, quando a palavra Aforismo tem sido associada a elas em nossa mente há uma geração.

7.2 A razão é esta: o nome Aforismo sugere, ao menos para mim, uma frase concisa de aplicação muito geral; uma expressão de sabedoria proverbial que pode ser citada em muitas circunstâncias e cuja verdade é quase evidente por si só. Mas, com um Sutra, o caso é diferente.

7.3 Ele vem da mesma raiz da palavra inglesa "sew", que significa "costurar", e significa, de fato, um fio, sugerindo, por conseguinte, uma cadeia de argumentos estreitamente ligados e consecutivos. Cada Sutra não só tem um lugar definido no sistema como também, retirado desse lugar, ficará quase sem sentido e de modo algum será evidente por si só.

7.4 Por isso, achei melhor conservar a palavra original. Os Sutras de Patanjali estão tão estreitamente ligados entre si, tão dependentes uns dos outros quanto as proposições de Euclides, e tampouco podem ser retirados de seu devido contexto.

8 Na segunda parte do primeiro livro, o problema da emergência do homem espiritual é tratado mais a fundo. Somos levados a considerar as barreiras à sua emergência, a superação dessas barreiras e certos passos e estágios na ascensão da consciência comum da vida prática à consciência mais sutil, profunda e radiante do homem espiritual.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO I — SAMADHI

✦

1 OM: Segue-se a Instrução sobre a União.
União, aqui como sempre nas Escrituras da Índia, significa a união da alma individual com a Alma Suprema; da consciência pessoal com a Consciência Divina, pela qual o mortal se torna imortal e entra no Eterno. Portanto, a salvação é, primeiro, a libertação do pecado e da tristeza que vem do pecado e, depois, um bem-estar divino e eterno, no qual a alma participa do ser, da sabedoria e da glória de Deus.

2 A união, a consciência espiritual, é alcançada pelo controle da natureza psíquica mutável.
A meta é a plena consciência do homem espiritual, iluminada pela Luz Divina. Nada, exceto a resistência obstinada da natureza psíquica, nos afasta da meta. Os poderes psíquicos são poderes espirituais desgovernados, pervertidos, desviados de seu curso adequado. Portanto, nossa primeira tarefa é recuperar o controle dessa natureza pervertida, disciplinar, purificar e restaurar os poderes desviados.

3 Então o Vidente se torna consciente em sua verdadeira natureza.
O egoísmo é apenas a perversão do ser espiritual. A ambição é a inversão do poder espiritual. A paixão é a distorção do amor. O mortal é a limitação do imortal. Quando essas imagens falsas dão lugar às verdadeiras, então o homem espiritual se revela luminoso, como o sol quando as nuvens se dispersam.

4 Até então, o Vidente esteve enredado nas atividades da natureza psíquica.

O poder e a vida que são a herança do homem espiritual foram aprisionados e enredados em atividades psíquicas. Em vez do puro ser no Divino, houve um egoísmo inquieto e combativo, com a mão levantada contra todos. Em vez da luz da visão pura, houve sentidos inquietos e imaginações. Em vez da alegria espiritual, a alegria indivisa do puro ser, houve a satisfação dos desejos do corpo e da mente. Todas essas são forças reais, mas desviadas de sua verdadeira natureza e meta. Elas devem ser libertadas, como gemas da rocha que as envolve, como a medula do junco, de maneira constante, sem violência destrutiva. Os poderes espirituais devem ser retirados das malhas psíquicas.

5 As atividades psíquicas são cinco; elas estão ou não sujeitas aos cinco obstáculos (Livro II, 3).

A natureza psíquica é construída pelo poder de formar imagens, o poder que está por trás das imagens mentais e nelas habita. Essas imagens não permanecem inativas na mente; são dinâmicas, inquietas, estimulam novos atos. Assim, a imagem mental de uma satisfação dos desejos sugere e convida a uma nova satisfação; a imagem da alegria passada é emoldurada por lamentos ou esperanças. E há o movimento incessante do desejo de conhecer, de penetrar na essência das coisas, de classificar. Também ele se ocupa sem cessar das imagens mentais. Assim, podemos classificar as atividades da natureza psíquica da seguinte maneira:

6 Essas atividades são: compreensão correta, compreensão incorreta, predicação, sono, memória.

Temos aqui uma lista de poderes mentais e emocionais; de poderes que for-

mam imagens e observam, e de poderes que formam imagens e sentem. Mas o poder de conhecer e sentir é espiritual e imortal. O necessário é elevá-lo do domínio psíquico ao espiritual, e não destruí-lo.

7 Os elementos da compreensão correta são: observação direta, raciocínio indutivo e testemunho confiável.
Cada um deles é um poder espiritual, coberto por um véu tênue. A observação direta é a forma mais exterior da visão pura da Alma. O raciocínio indutivo se apoia nos grandes princípios da continuidade e da correspondência; e estes, na verdade suprema de que toda a vida pertence ao Uno. O testemunho confiável, a participação de uma alma na sabedoria de outra, se apoia na unidade fundamental de todas as almas.

8 A compreensão incorreta é o entendimento falso, que não se apoia na percepção da verdadeira natureza das coisas.
Quando o objeto não é percebido verdadeiramente, quando a observação é imprecisa e falha, o pensamento ou raciocínio baseado nessa percepção equivocada é necessariamente falso e incorreto.

9 A predicação se realiza por meio de palavras ou pensamentos que não se apoiam em um objeto percebido.
O propósito deste Sutra é distinguir o processo mental da predicação da observação, da indução ou do testemunho. A predicação é a atribuição de uma qualidade ou ação a um sujeito, acrescentando-lhe um predicado. Na frase “o homem é sábio”, “o homem” é o sujeito; “é sábio” é o predicado. Isso pode ser simplesmente uma interação de pensamentos, sem a presença do objeto pensado; ou as coisas pensadas podem ser imaginárias ou irreais; já a observação, a indução e o testemunho sempre remetem a um objeto.

10 O sono é a condição psíquica que se apoia em estados mentais, estando ausentes todas as coisas materiais.

Na vida desperta, temos duas correntes de percepção; uma corrente exterior de coisas físicas vistas, ouvidas e percebidas; uma corrente interior de imagens mentais e pensamentos. A corrente exterior cessa no sono; a corrente interior continua, e, ao observarmos as imagens mentais flutuarem diante do campo da consciência, "sonhamos". Mesmo quando não há sonhos, ainda existe certa consciência no sono, de modo que, ao despertar, a pessoa diz: "Dormi bem" ou "Dormi mal".

11 A memória é a conservação das imagens mentais de coisas percebidas, sem modificá-las.

Aqui, como antes, o poder mental é explicado em termos de imagens mentais, que são o material do qual o mundo psíquico é construído. Por isso, os sábios ensinam que o mundo da nossa percepção, que de fato é um mundo de imagens mentais, é apenas o espectro ou a sombra do mundo real e eterno. Nesse sentido, a memória é apenas a inversão psíquica da visão espiritual sempre presente. Aquilo que está sempre diante do olho espiritual do Vidente não precisa ser lembrado.

12 O controle dessas atividades psíquicas vem pelo uso correto da vontade e pelo abandono da satisfação dos próprios desejos.

Se esses poderes e energias psíquicos, até mesmo coisas tão más quanto a paixão, o ódio e o medo, são apenas poderes espirituais decaídos e pervertidos, como podemos promover sua libertação e restauração? Dois meios nos são apresentados: o despertar da vontade espiritual e a purificação da mente e do pensamento.

13 O uso correto da vontade é o esforço constante para permanecer no ser espiritual.
Talvez tenhamos pensado em nós mesmos como criaturas que se movem sobre esta terra, um tanto indefesas, à mercê da tempestade, da fome e de nossos inimigos. Devemos pensar em nós mesmos como imortais, habitando na Luz, cercados e sustentados por poderes espirituais. O esforço constante para manter esse pensamento despertará poderes adormecidos e ainda não realizados, que nos revelarão a proximidade do Eterno.

14 Isso se torna um lugar de repouso firme quando é seguido por muito tempo, com persistência e dedicação.
Devemos buscar a vida espiritual em conformidade com as leis da vida espiritual, com dedicação, humildade e caridade delicada, que é um reconhecimento da Alma Una dentro de todos nós. Somente pela obediência a essa Vida compartilhada, pela lembrança constante de nossa unidade com todo o Ser Divino, de que nada somos separados do Ser Divino, podemos tomar posse de nossa herança.

15 Abandonar a satisfação dos próprios desejos é dominar conscientemente a sede de prazer dos sentidos, aqui ou na vida futura.
Entendido corretamente, o desejo de sensação é o desejo de ser, a distorção da vida eterna da alma. A ânsia por estímulo e excitação dos sentidos se apoia no anseio de sentir intensamente a própria vida, de alcançar a sensação de estar realmente vivo. Essa sensação de vida verdadeira vem apenas com a chegada da alma, e a alma vem apenas no silêncio, depois que a busca pela satisfação dos próprios desejos foi aquietada com coragem e lealdade, pela reverência diante da alma que se aproxima.

16 A consumação disso é a libertação da sede por qualquer forma de atividade psíquica, pelo estabelecimento do homem espiritual.
Para alcançar uma compreensão verdadeira deste ensinamento, o estudo deve ser complementado pela prática dedicada, e a fé, pelas obras. A leitura das palavras não bastará. Deve haver um esforço real para se firmar como a Alma, um abandono real da satisfação dos próprios desejos. Com esse despertar da vontade espiritual e essa purificação, virão ao mesmo tempo o crescimento do homem espiritual e o despertar de nossa consciência como homem espiritual; e isso, alcançado mesmo em pequeno grau, nos ajudará de modo notável em nossa luta. A quem tem, será dado.

17 A meditação com um objeto segue estas etapas: primeiro, o exame exterior; depois, a ação interior de julgar; depois, a alegria; depois, a realização do ser individual.
Na prática da meditação, pode-se começar fixando a atenção em algum objeto externo, como uma imagem ou pintura sagrada, ou um trecho de um livro de devoção. Na segunda etapa, passa-se do objeto exterior à reflexão interior sobre suas lições. A terceira etapa é a inspiração, a intensificação da vontade espiritual, que resulta dessa reflexão. A quarta etapa é a realização do próprio ser espiritual, aceso por essa meditação.

18 Depois que o exercício da vontade aquietou as atividades psíquicas, a meditação se apoia apenas no fruto de meditações anteriores.
Em virtude da prática e do esforço contínuos, supera-se a necessidade de um objeto externo no qual apoiar a meditação. Alcança-se um estado interior de consciência espiritual, chamado “a nuvem das coisas que podem ser conhecidas” (Livro IV, 29).

19 A consciência subjetiva que surge de uma causa natural é possuída por aqueles que deixaram seus corpos e foram absorvidos na natureza subjetiva.
Aqueles que morreram e entraram no paraíso entre os nascimentos estão em uma condição semelhante à meditação sem um objeto externo. Mas, quando o tempo se cumprir, as sementes do desejo que existem neles brotarão, e eles nascerão de novo neste mundo.

20 Para os outros, há a consciência espiritual, à qual conduzem a fé, a coragem, a atenção correta, a concentração em um único ponto e a percepção.
É bom ter em mente esses passos no caminho para a iluminação: fé, coragem, atenção correta, concentração em um único ponto, percepção. Nenhum deles pode ser dispensado; todos devem ser conquistados. Primeiro, a fé; e então, da fé, a coragem; da coragem, a atenção correta; da atenção correta, uma aspiração concentrada em um único ponto, voltada para a alma; desta, a percepção; e, por fim, a visão plena como alma.

21 A consciência espiritual está mais próxima daqueles que têm uma vontade vigorosa e intensa.
A imagem usada é o ímpeto veloz da torrente; o reino deve ser tomado à força. A vontade firme vem apenas pelo esforço; o esforço é inspirado pela fé. O grande segredo é este: não basta ter intuições; devemos agir de acordo com elas; devemos vivê-las.

22 A vontade pode ser fraca, de força mediana ou intensa.
Portanto, há uma consciência espiritual mais elevada do que esta. Para aqueles de vontade fraca, há este conselho: ser fiel na obediência, viver a vida e, assim, fortalecer a vontade para uma obediência mais perfeita. A vontade não é nossa, mas de Deus, e só entramos nela pela obediência. À

medida que entramos no espírito de Deus, recebemos a permissão de compartilhar o poder de Deus.
Acima das três etapas do caminho está a meta, o fim do caminho.

23 Ou a consciência espiritual pode ser alcançada pelo serviço ardente ao Mestre.
Se pensarmos em nossas vidas como tarefas que nos foram impostas pelo Mestre da Vida, se olharmos todos os deveres como partes da obra desse Mestre, confiadas a nós e formando a obra de nossa vida; então, se obedecermos com prontidão, lealdade e sinceridade, entraremos aos poucos na vida do Mestre e compartilharemos o poder do Mestre. Assim seremos iniciados na vontade espiritual.

24 O Mestre é o homem espiritual que está livre de obstáculos, da sujeição às obras e do fruto e da semente das obras.
A Alma do Mestre, o Senhor, tem a mesma natureza da alma em nós; mas ainda carregamos o peso de muitos males, estamos sujeitos às nossas obras anteriores, estamos sob o domínio da tristeza. A Alma do Mestre está livre do pecado, da servidão e da tristeza.

25 No Mestre está a semente perfeita da Onisciência.
A Alma do Mestre é, em essência, una com a Alma Suprema e, portanto, participa de toda a sabedoria e de todo o poder da Alma Suprema. Toda realização espiritual se apoia nisso e é possível porque a alma e a Alma Suprema são Uma.

26 Ele é o Mestre de todos os que vieram antes, pois não é limitado pelo Tempo.
Desde o princípio, a Superalma tem sido a Mestra de todas as almas que,

por entrarem na Superalma, por perceberem sua unidade com a Superalma, herdaram o reino da Luz. Pois a Superalma é anterior ao Tempo, e o Tempo, pai de tudo o mais, é um de Seus filhos.

27 Sua palavra é OM.
OM: o símbolo dos Três em Um, os três mundos na Alma; os três tempos, passado, presente, futuro, na Eternidade; os três Poderes Divinos, Criação, Preservação, Transformação, no único Ser; as três essências, imortalidade, onisciência, alegria, no único Espírito. Esta é a Palavra, o Símbolo, do Mestre e Senhor, o Homem Espiritual aperfeiçoado.

28 Que haja repetição silenciosa de OM e meditação sobre ele.
Isso tem muitos significados, em graus ascendentes. Há, primeiro, a potência da própria palavra, como a de todas as palavras. Depois há os múltiplos significados do símbolo, como sugerido acima. Por fim, há a realização espiritual das elevadas essências assim simbolizadas. Desse modo, elevamo-nos passo a passo ao Eterno.

29 Daí vêm o despertar da consciência interior e a remoção das barreiras.
Aqui, mais uma vez, a fé deve ser complementada pelas obras; a vida deve ser vivida, assim como estudada, antes que se possa compreender o significado pleno. O despertar da consciência espiritual só pode ser compreendido à medida que se entra nela. Só se pode entrar nela quando as condições estão presentes: pureza de coração, forte aspiração e a vitória decidida sobre cada pecado.
Isto, contudo, pode ser facilmente compreendido: que reconhecer os três mundos como repousando na Alma nos leva a perceber a nós mesmos e a toda a vida como pertencentes à Alma; que, ao habitarmos, não no passado, presente ou futuro, mas no Eterno, nos tornamos mais unidos ao Eterno;

que, ao vermos toda organização, preservação e transformação como obra do Uno Divino, entraremos em maior harmonia com o Uno e, assim, removeremos a barreira em nosso caminho rumo à Luz.

Na segunda parte do primeiro livro, a questão do surgimento do homem espiritual é tratada mais a fundo. Somos levados a considerar as barreiras ao seu surgimento, a superação dessas barreiras e certos passos e estágios na ascensão da consciência comum da vida prática à consciência mais sutil, profunda e radiante do homem espiritual.

30 As barreiras à consciência interior, que impelem a natureza psíquica de um lado para outro, são estas: doença, inércia, dúvida, frivolidade, preguiça, intemperança, noções falsas, incapacidade de alcançar um estágio de meditação ou de mantê-lo depois de alcançado.

Devemos lembrar que estamos considerando o homem espiritual como envolvido e enredado pela natureza psíquica, pelos poderes emocionais e mentais; e como incapaz de chegar a uma consciência clara, incapaz de se firmar e ver com clareza, por causa dos véus psíquicos da personalidade. Nove deles são enumerados, e abrangem de modo bastante completo a resistência bruta da natureza psíquica.

A doença é incluída principalmente por seu efeito sobre as emoções e a mente, pois uma deficiência corporal, como a cegueira ou a surdez, não é uma barreira insuperável à vida espiritual e pode, às vezes, ajudar, por afastar as distrações. Será bom refletirmos sobre cada uma dessas nove atividades, pensando em cada uma como um estado psíquico, uma barreira à consciência interior do homem espiritual.

31 A aflição, o desalento, a inquietação corporal, a inspiração e a expiração do sopro vital também contribuem para impelir a natureza psíquica de um lado para outro.

Os dois primeiros estados de ânimo são facilmente compreendidos. Podemos ver bem como uma condição psíquica entorpecida, claramente oposta à alegria pura e positiva da vida espiritual, seria uma barreira. O seguinte, a inquietação corporal, é, de modo especial, o defeito de nossa época e geração. Quando ela for vencida, a inquietação mental também estará vencida pela metade.

Os dois termos seguintes, relativos ao sopro vital, apresentam alguma dificuldade. O significado superficial é uma respiração áspera e irregular; o significado mais profundo é uma vida de impulsos ásperos e irregulares.

32 A dedicação constante a um princípio é o caminho para pôr fim a essas coisas.

A vontade, que, em seu estado original, era cheia de vigor, foi sendo continuamente corrompida pela indulgência consigo mesmo, pela busca de estados de ânimo e sensações pelo simples prazer de sentir. Daí vêm todos os estados mórbidos e doentios da mente. O remédio é um retorno ao estado original da vontade, por um esforço vigoroso e positivo; ou, como nos é dito aqui, pela dedicação constante a um princípio. O princípio ao qual devemos assim nos dedicar com constância deve nascer da realidade da vida espiritual: um trabalho valoroso pela alma, nos outros como em nós mesmos.

33 Pela simpatia pelos felizes, pela compaixão pelos que sofrem, pela alegria no que é santo, pela indiferença ao que não é santo, a natureza psíquica caminha para uma paz cheia de graça.

Quando estamos voltados apenas para nós mesmos, envoltos no manto de nosso egoísmo, absorvidos em nossas dores e pensamentos amargos, não estamos dispostos a perturbar ou exigir algo de nosso próprio estado doentio, oferecendo uma simpatia bondosa aos felizes, assim duplicando sua alegria, ou mostrando compaixão pelos tristes, assim reduzindo sua tristeza pela metade. Recusamo-nos a encontrar alegria nas coisas santas e deixamos a mente remoer, em triste pessimismo, as coisas que não são santas. Todos esses maus estados psíquicos devem ser vencidos por um forte esforço de vontade. Esse rompimento dos véus nos revelará algo da graça e da paz próprias da consciência interior do homem espiritual.

34 Ou a paz pode ser alcançada pela expiração regular e pelo controle do sopro vital.

Aqui, mais uma vez, podemos buscar um duplo significado: primeiro, aquela respiração regular e tranquila que faz parte da vitória sobre a inquietação corporal; depois, o curso regular e tranquilo da vida, sem impulsos ásperos ou dissonantes, que traz quietude ao coração.

35 A dedicação fiel e persistente a qualquer objeto, se plenamente alcançada, firmará a mente na estabilidade.

Ainda estamos considerando como superar a oscilação e a perturbação da natureza psíquica, que a tornam completamente incapaz de transmitir a consciência e a quietude interiores. Mais uma vez nos é dito que usemos a vontade e a treinemos pelo trabalho constante e persistente: "sentando-nos bem perto" de nosso trabalho, na expressão do original.

36 Assim também fará um espírito alegre e radiante.

Não há ilusão como o pessimismo sombrio, e foi dito com razão que a alegria de um homem é a medida de sua fé. A tristeza sombria, o desalento, a

palidez do pensamento cedem muito à vontade. Um esforço firme e corajoso trará uma mente clara e valorosa. Mas é preciso lembrar sempre que isso não se destina ao consolo do homem pessoal, sendo antes uma oferenda ao ideal da vida espiritual, uma contribuição ao tesouro universal e compartilhado por todos no céu.

37 Ou a eliminação da indulgência consigo mesmo da natureza psíquica.
Devemos reconhecer que a queda do homem é uma realidade, exemplificada em nós mesmos. Temos pecados bem diferentes dos dos animais, e muito mais nocivos; e todos eles vieram da indulgência conosco mesmos, da qual nossas naturezas psíquicas estão impregnadas por completo. Assim como descemos a encosta por prazer, devemos subir de novo para nossa purificação e restauração à elevada condição que antes tínhamos. O processo talvez seja doloroso, mas é indispensável.

38 Ou uma reflexão sobre as percepções obtidas nos sonhos e no sono sem sonhos.
Para os sábios orientais, os sonhos são, é verdade, feitos de imagens da vida desperta, reflexos do que os olhos viram e os ouvidos ouviram. Mas os sonhos são algo mais, pois as imagens são, em certo sentido, reais, objetivas em seu próprio plano; e saber que existe outro mundo, mesmo que seja um mundo de sonhos, alivia a tirania da vida material. Grande parte da poesia e da arte é um consolo assim, vindo da terra dos sonhos. Mas há mais no sonho, pois ele pode retratar o que está acima, assim como o que está abaixo; não apenas os filhos dos homens, mas também as crianças à beira do mar imortal que nos trouxe até aqui podem projetar suas imagens nesse espelho mágico: o mesmo vale, em grau ainda maior, para os segredos do sono sem sonhos, com sua visão pura.

39 Ou uma reflexão meditativa sobre o que é mais caro ao coração.
Aqui está um pensamento que nossa época começa a compreender: que o amor é uma forma de conhecimento; que conhecemos verdadeiramente qualquer coisa ou pessoa ao nos tornarmos um com ela, no amor. Assim, o amor tem uma sabedoria que a mente não pode reivindicar, e, por esse amor de coração, por esse tornar-se um com o que está além de nossos limites pessoais, podemos dar um grande passo rumo à liberdade. Podem-se sugerir duas direções para isso: o amor puro do artista por sua obra e a busca sincera e compassiva no coração dos outros.

40 Assim ele domina tudo, do átomo ao Infinito.
Perguntaram a Newton como ele fazia suas descobertas. Concentrando minha mente nelas, respondeu. Essa pressão constante, esse tornar-se um com o que buscamos compreender, seja átomo ou alma, é o único meio de conhecer. Quando nos tornamos uma coisa, nós a conhecemos de fato; de outro modo, não. Portanto, viva a vida para conhecer a doutrina; faça a vontade do Pai, se quiser conhecer o Pai.

41 Quando todas as perturbações da natureza psíquica se aquietam, a consciência, como um cristal puro, assume a cor daquilo sobre o que repousa, seja aquele que percebe, o ato de perceber ou a coisa percebida.
Esta é uma expressão mais completa do último Sutra, e é tão clara que um comentário pouco pode acrescentar. Tudo é aquele que percebe, o ato de perceber ou a coisa percebida; ou, como poderíamos dizer, consciência, força ou matéria. O sábio nos diz que uma única chave abrirá os segredos dos três, os segredos da consciência, da força e da matéria igualmente. A ideia é que a simpatia cordial de um coração bondoso, que compreende in-

tuitivamente o coração dos outros, é, na verdade, uma manifestação do mesmo poder daquela percepção penetrante pela qual se desvendam os segredos dos movimentos planetários ou da estrutura atômica.

42 Quando a consciência, firmada no ato de perceber, reúne o nome, o objeto contemplado e a ideia, isso é percepção com consideração exterior.

No primeiro estágio da consideração de um objeto externo, a mente que percebe se aproxima dele já ocupada pelo nome e pela ideia convencionalmente associados àquele objeto. Por exemplo, ao começarmos o estudo de um livro, pensamos no autor, em sua época, na escola à qual ele pertence. O segundo estágio, apresentado no Sutra seguinte, vai diretamente ao significado espiritual do livro, deixando de lado seus adornos tradicionais e encontrando sua aplicação à nossa própria experiência e aos nossos problemas.

O comentarista usa uma ilustração muito simples: uma vaca, em que se consideram, no primeiro estágio, o nome da vaca, o próprio animal e a ideia de uma vaca na mente. No segundo estágio, deixam-se esses adornos de lado e, entrando no ser mais íntimo da vaca, compartilha-se sua consciência, como fazem alguns dos artistas que pintam vacas. Eles alcançam a própria vida daquilo que estudam e pintam.

43 Quando o objeto permanece na mente, livre de imagens da memória, sem receber a cor da mente, como uma ideia pura e luminosa, isso é percepção sem exterioridade ou consideração.

Ainda estamos considerando objetos externos, visíveis. Uma percepção como a descrita aqui tem a natureza daquela visão penetrante pela qual Newton, concentrando sua mente nas coisas, fez suas descobertas, ou daquela pela qual um retratista realmente grande penetra na alma de quem

pinta e faz essa alma viver na tela. Esses estágios da percepção são descritos dessa maneira para levar a mente à compreensão da visão penetrante da alma própria do homem espiritual, o imortal.

44 Diz-se que as mesmas duas etapas, quando se referem a coisas de substância mais sutil, ocorrem com ou sem a ação de julgamento da mente.

Chegamos agora aos objetos mentais ou psíquicos: às imagens na mente. É precisamente ao comparar, ordenar e sobrepor essas imagens mentais que obtemos nossas noções gerais ou conceitos. Esse processo de análise e síntese, pelo qual selecionamos certas qualidades em um grupo de imagens mentais e depois reunimos aquelas que têm qualidades semelhantes, é a ação de julgamento da mente de que se fala. Mas quando exercemos uma intuição rápida sobre as imagens mentais, como faz um poeta ou um homem de gênio, usamos um poder superior ao do julgamento e mais próximo da visão penetrante do homem espiritual.

45 A substância sutil se eleva por graus ascendentes até aquela natureza pura que não tem marca distintiva.

À medida que nos elevamos acima das coisas materiais exteriores, permeadas pela separação e cuja principal característica é estarem separadas, assim como tantas pedras estão separadas umas das outras; à medida que nos elevamos, primeiro, às imagens mentais, que se sobrepõem e se fundem tanto no espaço quanto no tempo, e depois às ideias e aos princípios, chegamos finalmente a essências mais puras, aproximando-nos cada vez mais da unidade.

Ou podemos ilustrar esse princípio assim. Nossos eus corporais, exteriores, são bastante distintos e separados em forma, nome, lugar e substância; nossos eus mentais, de substância mais sutil, encontram-se e se separam, en-

contram-se e se separam novamente, em choques e trocas constantes; nossos eus espirituais alcançam a verdadeira consciência por meio da unidade, na qual o muro de separação entre nós e o Altíssimo, entre nós e os outros, é derrubado, e todos nós somos aperfeiçoados no Uno. As maiores riquezas são possuídas por todas as almas puras apenas quando estão unidas. Assim, elevamo-nos da separação à verdadeira individualidade na unidade.

46 Os graus acima são os da consciência espiritual limitada e condicionada, que ainda contém a semente da separação.
Nos quatro estágios de percepção descritos acima, a visão espiritual ainda atua por meio do mental e do psíquico, o gênio interior ainda se expressa por meio do homem exterior, pessoal. O homem espiritual ainda precisa alcançar plena consciência de si mesmo, em seu próprio domínio, deixando de lado os véus psíquicos.

47 Quando se alcança a percepção pura sem a ação de julgamento da mente, segue-se a paz benévola do eu interior.
Demos exemplos de certos tipos dessa percepção pura: a intuição do poeta, pela qual ele vê o espírito dentro do símbolo, a semelhança em coisas diferentes e a beleza em todas as coisas; a percepção pura do verdadeiro filósofo, cuja visão se apoia nas realidades da vida, e não em suas aparências; ou a percepção firme que o santo tem da vida e da existência espirituais. Todos eles estão muito adiantados no caminho; aproximaram-se da morada secreta da paz.

48 Nessa paz, a percepção é infalivelmente verdadeira.
O poeta, o filósofo sábio e o santo não apenas alcançam uma consciência ampla e luminosa, mas também obtêm conhecimento certo da realidade substancial. Quando sabemos, sabemos que sabemos. Pois chegamos ao es-

tágio em que conhecemos as coisas por sermos essas coisas, e nada pode ser mais verdadeiro do que ser. Repousamos sobre a rocha e sabemos que ela é rocha, enraizada no próprio coração do mundo.

49 O objeto dessa percepção é diferente daquilo que se aprende nos livros sagrados ou por uma inferência sólida, pois essa percepção é particular.
A distinção é luminosa e inspiradora. As Escrituras ensinam verdades gerais sobre a vida espiritual universal e leis abrangentes, e a inferência extraída de seus ensinamentos não é menos geral. Mas a percepção espiritual do Vidente desperto traz uma verdade particular sobre sua própria vida e suas necessidades específicas, sejam elas para si mesmo ou para os outros. Ele recebe um conhecimento definido, preciso, que se aplica exatamente ao que traz no coração.

50 A impressão na consciência que nasce dessa percepção substitui todas as impressões anteriores.
Cada estado ou campo da mente, cada campo do conhecimento, por assim dizer, alcançado por energias mentais e emocionais, é um estado psíquico, assim como a imagem mental de um palco com seus atores é um estado ou campo psíquico. Quando a visão pura, como a do poeta, do filósofo, do santo, preenche todo o campo, todas as percepções e visões menores são afastadas. Essa consciência elevada toma o lugar de toda consciência menor. Porém, em certo sentido, aquilo que é visto como parte, mesmo pela visão de um sábio, ainda tem um elemento de ilusão, um fino véu psíquico, por mais puro e luminoso que esse véu seja. É o último e mais elevado estado psíquico.

51 Quando essa impressão cessa, então, como todas as impressões cessaram, surge a consciência espiritual pura, sem que reste nenhuma semente de separação.

O último véu psíquico é afastado, e o homem espiritual permanece com a visão desvelada, puro e sereno.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

INTRODUÇÃO AO LIVRO II

✦

1 O primeiro livro dos Yoga Sutras de Patanjali é chamado de Livro da Consciência Espiritual. O segundo livro, que agora começamos, é o Livro dos Meios de Crescimento da Alma. E devemos lembrar que o crescimento da alma significa aqui o crescimento da percepção do homem espiritual ou, para dizer de forma mais breve, o crescimento do homem espiritual e sua libertação dos invólucros, dos véus e dos disfarces que a mente e a natureza psíquica lhe impõem, nos quais ele está enredado como um pássaro preso numa rede.

2 Surge a pergunta: por quais meios o homem espiritual pode ser libertado dessas redes e desses disfarces psíquicos, para que possa se erguer acima da morte, em sua eternidade radiante e em seu poder divino? E o segundo livro se propõe a responder precisamente a essa pergunta e a detalhar os meios de maneira completamente prática e muito clara, para que aquele que corre possa ler, e aquele que lê possa compreender e praticar.

3 A segunda parte do segundo livro trata do treinamento espiritual prático, isto é, do treinamento prático inicial do homem espiritual.

4 O que mais chama a atenção nessa parte é a ênfase dada aos Mandamentos, que são precisamente os da última parte do Decálogo, juntamente com a obediência ao Mestre.

4.2 Nossa época e nossa geração têm uma tendência excessiva a imaginar que pode haver vida e crescimento místicos sobre algum outro fundamento, por exemplo, sobre o fundamento da curiosidade intelectual ou do

egoísmo psíquico.

4.3 Na realidade, sobre este último fundamento jamais se pode construir a vida do homem espiritual; nem, de fato, coisa alguma além de uma imitação psíquica, uma ilusão perigosa.

5 Por isso, Patanjali, como todo grande mestre espiritual, responde à pergunta: O que devo fazer para ser salvo? com a resposta de todos os tempos: Guarde os Mandamentos. Somente depois que o discípulo puder dizer: Estes eu tenho guardado, poderá haver o ensinamento mais avançado e mais sutil das Regras espirituais.

6 É, por conseguinte, vital que compreendamos que o sistema de Yoga, como todo verdadeiro sistema de ensinamento espiritual, repousa sobre esse fundamento amplo e firme de honestidade, verdade, pureza e obediência. Sem essas qualidades, não há salvação; e quem as pratica, mesmo sem conhecer as coisas espirituais, está acumulando um tesouro para o tempo que virá.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO II — A PRÁTICA

✦

1 As práticas que conduzem à união com a Alma são: aspiração fervorosa, leitura espiritual e completa obediência ao Mestre.

A palavra que traduzi por "aspiração fervorosa" significa, em primeiro lugar, "fogo"; e, no ensinamento oriental, significa o fogo que dá vida e luz e, ao mesmo tempo, o fogo que purifica. Temos, portanto, como nossa primeira prática, como o primeiro dos meios de crescimento espiritual, aquela qualidade ardente da vontade que acende e ilumina e, ao mesmo tempo, a prática constante da purificação, que queima todas as impurezas conhecidas. A leitura espiritual é tão universalmente aceita e compreendida que dispensa comentários. O próprio estudo dos Sutras de Patanjali é um exercício de leitura espiritual, e dos mais eficazes. E assim acontece com todos os outros livros da Alma. A obediência ao Mestre significa que faremos da vontade do Mestre a nossa vontade e nos conformaremos em tudo à vontade do Divino, deixando de lado as vontades do eu, que são apenas distorções psíquicas da única Vontade Divina. O esforço constante de obedecer de todas as maneiras que conhecemos e compreendemos revelará novos caminhos e novas tarefas, sinais de um novo crescimento da Alma. Nada fará mais pelo homem espiritual em nós do que isso, pois não há poder tão regenerador quanto o despertar da vontade espiritual.

2 Seu objetivo é trazer a visão da alma e desgastar os obstáculos.

O objetivo do fervor, da leitura espiritual e da obediência ao Mestre é trazer a visão da alma e desgastar os obstáculos. Ou, para usar a expressão que já adotamos, o objetivo dessas práticas é ajudar o homem espiritual a abrir

os olhos; ajudá-lo também a deixar de lado os véus e disfarces, as redes psíquicas que o envolvem e enredam, como que amarrando suas mãos e vendando seus olhos. E isso, como testemunham todos os mestres, é uma tarefa longa e árdua, uma luta constante numa subida difícil, que exige grande coragem e trabalho persistente. O fervor, o fogo da vontade espiritual, tem, como dissemos, uma ação dupla: ilumina e, assim, ajuda o homem espiritual a enxergar; e também queima as redes e malhas que o prendem. O mesmo ocorre com os outros meios, a leitura espiritual e a obediência. Cada um tem uma ação dupla, desgastando o que é psíquico e fortalecendo o homem espiritual.

3 Estes são os obstáculos: a escuridão da falta de sabedoria, a autoafirmação, a luxúria, o ódio, o apego.

Tentemos traduzir isso em termos do homem psíquico e do homem espiritual. A escuridão da falta de sabedoria é, em primeiro lugar, a absorção do homem psíquico em si mesmo, sua completa preocupação com suas próprias esperanças e seus medos, seus planos e propósitos, suas sensações e seus desejos; de modo que ele deixa de ver, ou se recusa a ver, que existe um homem espiritual; e assim resiste obstinadamente a todos os esforços do homem espiritual para se livrar de seu tirano psíquico e se libertar. Essa é a verdadeira escuridão; e todos os que negam a imortalidade da alma, ou negam a existência da alma, e assim organizam sua vida completamente em função do homem psíquico, mortal, e de suas ambições, estão sob esse poder das trevas. Dessa escuridão, dessa absorção psíquica em si mesmo, nasce a convicção obstinada de que o homem psíquico, pessoal, tem interesses separados e exclusivos, que pode buscar apenas para si; e essa convicção, quando posta em prática em nossa vida, leva ao conflito com outras perso-

nalidades e, assim, ao ódio. Esse ódio, por sua vez, age contra o homem espiritual, pois impede a revelação da elevada harmonia entre o homem espiritual e seus outros eus, uma harmonia que só pode ser revelada pela prática do amor, daquele amor perfeito que expulsa o medo.

Da mesma forma, a luxúria é a ânsia do homem psíquico pelo estímulo das sensações, cujo alvoroço abafa a voz do homem espiritual, assim como, na expressão de Shakespeare, o grasnar dos gansos abafaria o canto do rouxinol. E essa ânsia por estímulo é fruto da fraqueza, que vem de não se encontrar força na vida primordial do homem espiritual.

O apego é apenas outro nome para a absorção psíquica em si mesmo; pois não estamos absorvidos nas coisas exteriores, mas em suas imagens dentro de nossa mente; nossos olhos interiores estão fixos nelas; nossos desejos interiores se demoram sobre elas; e assim nos cegamos à presença do prisioneiro, o homem espiritual enredado e acorrentado.

4 A escuridão da falta de sabedoria é o campo dos demais. Esses obstáculos podem estar adormecidos, enfraquecidos, suspensos ou desenvolvidos.

Aqui temos, na verdade, dois Sutras em um. O primeiro já foi explicado: na escuridão da falta de sabedoria crescem os parasitas, o ódio, a luxúria, o apego. Todos são desdobramentos da absorção do eu psíquico em si mesmo.

Em seguida, somos informados de que essas barreiras podem estar adormecidas, suspensas, desenvolvidas ou enfraquecidas. As falhas que estão adormecidas serão trazidas à tona pela pressão da vida ou pela pressão de uma forte aspiração. Uma vez desenvolvidas, devem ser combatidas e vencidas

ou, como diz Patanjali de maneira pitoresca, devem ser desgastadas até se tornarem finas, como poderia acontecer com um véu ou com os elos de algemas.

5 A escuridão da ignorância é considerar aquilo que é passageiro, impuro, cheio de dor, que não é a Alma, como eterno, puro, cheio de alegria, como a Alma.
Na verdade, já consideramos isso. O homem psíquico é passageiro, impuro, cheio de dor, não é a Alma, não é o verdadeiro Eu. O homem espiritual é duradouro, puro, cheio de alegria, o verdadeiro Eu. A escuridão da falta de sabedoria é, por conseguinte, a absorção do homem psíquico, pessoal, em si mesmo, com exclusão do homem espiritual. É a crença, posta em ação, de que o homem pessoal é o homem real, aquele por quem devemos trabalhar, por quem devemos construir, por quem devemos viver. Esse é o homem psíquico de quem se diz: aquele que semeia para a carne colherá da carne a corrupção.

6 A autoafirmação vem de pensar que o Observador e o instrumento da visão formam um único eu.
Essa é a ideia fundamental da filosofia Sankhya, da qual a Yoga é declaradamente o lado prático. Para traduzir isso em nossos termos, podemos dizer que o Observador é o homem espiritual; o instrumento da visão é o homem psíquico, por meio do qual o homem espiritual adquire experiência do mundo exterior. Mas transformamos o servo em senhor. Atribuímos ao homem psíquico, ao eu pessoal, uma realidade que, de fato, pertence apenas ao homem espiritual; e assim, pensando que a qualidade do homem espiritual pertence ao psíquico, fundimos o homem espiritual no psíquico; ou, como diz o texto, pensamos que os dois formam um único eu.

7 A luxúria é o permanecer na sensação de prazer.

Isso já foi explicado muitas vezes. A sensação, como, por exemplo, o paladar, destina-se a orientar a ação; nesse caso, a escolha de alimentos saudáveis e a rejeição de coisas venenosas e prejudiciais. Mas, se permanecemos na sensação do paladar como um prazer em si mesmo; se permanecemos, isto é, no lado psíquico do paladar, caímos na gula e vivemos para comer, em vez de comer para viver. O mesmo acontece com a outra grande capacidade orgânica, a capacidade de reprodução. Essa luxúria surge quando permanecemos na sensação e buscamos nela o prazer.

8 O ódio é o permanecer na sensação de dor.

A dor vem, em grande parte, da luta entre personalidades, das dissonâncias entre eus psíquicos, cada um dos quais se considera supremo. Demorar-se nessa dor gera ódio, que separa ainda mais os eus em conflito e cria novas inimizades entre eles, impedindo assim a harmonia do Real, a reconciliação por meio da Alma.

9 O apego é o desejo de viver, mesmo nos sábios, impulsionado por sua própria energia.

A vida aqui desejada é a vida psíquica, a vida intensamente vibrante do eu psíquico. Esse desejo prevalece até mesmo naqueles que alcançaram muita sabedoria, enquanto ela não chega à sabedoria da renúncia completa, da completa obediência a cada mínima ordem do homem espiritual e do Mestre que protege e ajuda o homem espiritual.

O desejo de sensação, o desejo de vida psíquica, reproduz a si mesmo, impulsionado por sua própria energia e seu próprio ímpeto; e daí vem o ciclo de morte e renascimento, morte e renascimento, em vez da libertação do homem espiritual.

10 Esses obstáculos, quando se tornam sutis, devem ser removidos por uma contracorrente.

A escuridão da falta de sabedoria deve ser removida pela luz da sabedoria, buscada por meio do fervor, da leitura espiritual dos ensinamentos sagrados e da própria vida, e pela obediência ao Mestre.

A luxúria deve ser removida pela aspiração pura à vida espiritual, que, ao trazer verdadeira força e estabilidade, elimina o vazio da fraqueza que tentamos preencher com o estímulo das sensações.

O ódio deve ser vencido pelo amor. O medo que surge da sensação de eus separados e em guerra deve ser acalmado pela percepção do Eu Único, da única alma em todos. Essa percepção é o amor perfeito que expulsa o medo.

Diz-se que os obstáculos se tornaram sutis quando, pelos esforços iniciais, foram localizados e reconhecidos na natureza psíquica.

11 Suas agitações ativas devem ser removidas pela meditação.

Aqui está, na verdade, todo o segredo da Yoga, a ciência da alma. As agitações ativas, as vibrações estridentes do egoísmo, da luxúria e do ódio devem ser aquietadas pela meditação, deixando que o coração e a mente permaneçam na vida espiritual, elevando o coração à vida forte e silenciosa do alto, que repousa na quietude do amor eterno e não precisa de nenhuma vibração áspera para se convencer de sua verdadeira existência.

12 O peso da escravidão à tristeza tem sua raiz nesses obstáculos. Será sentido nesta vida ou em uma vida ainda não manifestada.

O peso da escravidão à tristeza tem sua raiz na escuridão da falta de sabedoria, no egoísmo, na luxúria, no ódio, no apego à sensação. Tudo isso é, em última análise, absorção no eu psíquico; e isso significa tristeza, porque sig-

nifica a sensação de separação, e esta significa dissonância e morte inevitável. Mas o eu psíquico gerará um novo eu psíquico, em um novo nascimento, e assim novas tristezas em uma vida ainda não manifestada.

13 Dessa raiz crescem e amadurecem os frutos do nascimento, da duração da vida, de tudo o que se experimenta na vida.
Comentar isso plenamente seria escrever um tratado sobre o Karma e seu funcionamento prático em detalhe, pelo qual se determinam o lugar e a época do próximo nascimento, seu conteúdo e sua duração; e para fazer isso o presente comentarista não está de modo algum qualificado. Mas isto é claramente compreendido: por uma espécie de gravitação espiritual, o eu que encarna é atraído para um lar e um círculo de vida que lhe darão espaço para se desenvolver e disciplina; e sua necessidade de disciplina é claramente condicionada por seu caráter, seu grau de desenvolvimento e suas realizações.

14 Esses frutos trazem alegria ou aflição, conforme tenham nascido de obras santas ou não santas.
Como a santidade é obediência à lei divina, à lei da harmonia divina, e a obediência à harmonia fortalece essa harmonia na alma, que é a única alegria verdadeira, a alegria, por conseguinte, vem da santidade: de fato, não vem de nenhuma outra maneira. E, como a falta de santidade é desobediência e, portanto, discórdia, ela conduz à dor; e essa lei de dois aspectos é verdadeira, quer a causa produza efeito neste nascimento, quer em um nascimento ainda não manifestado.

15 Para quem possui discernimento, toda a vida pessoal é sofrimento, porque está sempre crescendo e diminuindo, é sempre afligida pela inquietação, deixa sempre novas impressões dinâmicas na mente; e porque todas as

suas atividades guerreiam entre si.

Toda a vida do eu psíquico é sofrimento, porque está sempre crescendo e diminuindo; porque o nascimento traz a morte inevitável; porque não há expectativa sem sua sombra, o medo. A vida do eu psíquico é sofrimento, porque é afligida pela inquietação; assim, quem tem muito não encontra satisfação, mas uma fome ainda mais aguçada de ter mais. O fogo não se apaga quando se derrama óleo sobre ele; da mesma forma, o desejo não se apaga pela satisfação do desejo. Além disso, a vida do eu psíquico é sofrimento, porque deixa sempre novas impressões dinâmicas na mente; porque um desejo satisfeito é apenas a semente da qual brota o desejo de encontrar de novo uma satisfação semelhante. O apetite vem ao comer, como diz o provérbio, e cresce com aquilo de que se alimenta. E o eu psíquico, dilacerado por desejos conflitantes, é sempre a casa dividida contra si mesma, que certamente cairá.

16 Essa dor deve ser evitada antes que chegue.

Em outras palavras, não podemos curar as dores da vida aplicando sobre elas algum bálsamo. Devemos cortar a raiz: a absorção no eu psíquico. Por isso se diz que não há cura para o sofrimento do anseio, a não ser fixar o coração no eterno.

17 A causa daquilo que deve ser evitado é a absorção do Vidente nas coisas vistas.

Aqui temos novamente a ideia fundamental do Sankhya, que é a contraparte intelectual do sistema de Yoga. A causa daquilo que deve ser evitado, a raiz do sofrimento, é a absorção da consciência no homem psíquico e nas coisas que o seduzem. A cura é a libertação.

18 As coisas vistas têm como propriedades a manifestação, a ação e a inércia. Elas formam a base dos elementos e das faculdades dos sentidos. Servem à experiência e à libertação.

Aqui está toda uma filosofia de vida. As coisas vistas, a totalidade dos fenômenos, possuem como propriedades a manifestação, a ação e a inércia: as qualidades da força e da matéria em combinação. Estas, em sua forma mais densa, constituem o mundo material; em sua forma mais sutil e subjetiva, constituem o mundo psíquico, o mundo das impressões dos sentidos e das imagens mentais. E, por meio dessa totalidade dos fenômenos, a alma adquire experiência e se prepara para a libertação. Em outras palavras, todo o mundo exterior existe para os propósitos da alma e encontra nisso sua verdadeira razão de ser.

19 Os graus ou camadas das Três Potências são o definido, o indefinido, aquilo que tem marca distintiva e aquilo que não tem marca distintiva.

Ou, como poderíamos dizer, há duas camadas no domínio físico e duas no domínio psíquico. Em cada um, há o lado da forma e o lado da força. O lado da forma no físico é aqui chamado de definido. O lado da força no físico é o indefinido, aquilo que não tem limites. O mesmo ocorre no psíquico: há o lado da forma, aquilo que tem marcas distintivas, como os traços característicos das imagens mentais; e há o lado da força, sem marcas distintivas, como as forças do desejo ou do medo, que podem fluir ora para esta imagem mental, ora para aquela.

20 O Vidente é pura visão. Embora puro, ele olha para fora através da vestimenta da mente.

O Vidente, como sempre, é o homem espiritual cuja consciência mais profunda é pura visão, a vida pura do eterno. Mas o homem espiritual, ainda

sem enxergar por si mesmo, olha para o mundo pelos olhos do homem psíquico, que o envolve e enreda. A tarefa é libertar esse prisioneiro, limpar a poeira dos séculos desse templo soterrado.

21 A própria essência das coisas vistas é que elas existem para o Vidente.
As coisas da vida exterior, não apenas as coisas materiais, mas também o homem psíquico, existem de fato para os propósitos do Vidente, da Alma, do homem espiritual. O desastre acontece quando o homem psíquico se estabelece, por assim dizer, por conta própria, tentando viver apenas para si mesmo e recorrendo às coisas materiais para consolar sua solidão.

22 Embora tenham deixado de existir para quem alcançou a meta, as coisas vistas não deixaram de existir por completo, pois ainda existem para os outros.
Quando um de nós vence o ódio, o ódio não deixa por isso de existir no mundo, pois outros ainda odeiam e sofrem com o ódio. O mesmo acontece com outras ilusões, que nos mantêm presos às coisas materiais e através das quais olhamos para todas as coisas materiais. Quando o véu colorido da ilusão desaparece, o mundo que víamos através dele também desaparece, pois agora vemos a vida como ela é, no brilho branco da eternidade. Mas, para os outros, o véu colorido permanece e, por isso, o mundo assim colorido por ele permanece para eles, e permanecerá até que também vençam a ilusão.

23 A associação do Vidente com as coisas vistas é a causa do reconhecimento da natureza das coisas vistas e também do reconhecimento da natureza do Vidente.
A vida educa. Toda a infinita variedade da vida serve à disciplina, ao desenvolvimento da alma. Assim, passando por muitas vidas, a Alma aprende os

segredos do mundo, as leis augustas escritas na forma do cristal de neve ou na ordem majestosa das estrelas. No entanto, todas essas leis são apenas reflexos, apenas projeções exteriores das leis da alma; por isso, ao aprendê-las, a alma aprende a conhecer a si mesma. Toda a vida é apenas o espelho no qual a Alma aprende a conhecer o próprio rosto.

24 A causa dessa associação é a escuridão da falta de sabedoria.
A escuridão da falta de sabedoria é a absorção da consciência na vida pessoal e nas coisas vistas pela vida pessoal. Essa é a queda, pela qual vem a experiência, o aprendizado das lições da vida. Quando elas são aprendidas, o dia da redenção está próximo.

25 Pôr fim a essa associação, pondo fim à escuridão da falta de sabedoria, é a grande libertação; é assim que o Vidente alcança seu próprio ser puro.
Quando o homem espiritual, por meio do psíquico, tiver aprendido todas as lições da vida, terá chegado a hora de tirar o véu e o disfarce do psíquico e de se revelar como um Rei, na casa do Pai. Assim entrará em seu reino e dele não mais sairá.

26 Um discernimento mantido sem vacilar é o meio de libertação.
Aqui nos aproximamos do Vedanta puro, com seu discernimento entre o eterno e o temporal. São Paulo, seguindo Fílon e Platão, estabelece o mesmo princípio fundamental: as coisas vistas são temporais, as coisas não vistas são eternas.
Patanjali quer dizer algo mais do que uma concordância intelectual, embora esta também seja vital. Ele tem em vista um discernimento constante, tanto na ação quanto no pensamento; dos dois caminhos que se apresentam em cada ato ou escolha, escolher sempre o caminho mais elevado, aquele que favorece as coisas eternas: a honestidade em vez da desonesti-

dade, a coragem e não a covardia, as coisas do outro em vez das próprias, o sacrifício e não a satisfação dos próprios desejos. Esse verdadeiro discernimento, praticado constantemente, conduz à libertação.

27 Sua iluminação é sétupla, elevando-se em estágios sucessivos.

O texto de Patanjali não nos diz quais são os sete estágios dessa iluminação. O comentador os descreve assim:

Primeiro, reconhece-se o perigo do qual se deve escapar; não é preciso reconhecê-lo uma segunda vez. Segundo, as causas do perigo do qual se deve escapar são eliminadas; não é preciso eliminá-las uma segunda vez. Terceiro, percebe-se claramente o caminho de saída, pela contemplação que contém a perturbação psíquica. Quarto, desenvolveu-se o meio de escapar, o discernimento claro. Essa é a libertação em quatro partes que pertence à percepção interior. A libertação final do psíquico tem três partes: no quinto dos sete graus, termina o domínio de seu pensamento; no sexto, suas potências, como rochas que caem de um precipício, caem por si mesmas; uma vez dissolvidas, não voltam a crescer. Então, no sétimo, livre dessas potências, o homem espiritual se manifesta em sua própria natureza como pureza e luz. Feliz é o homem espiritual que contempla essa iluminação sétupla em seus estágios ascendentes.

28 Da prática constante dos meios do Yoga, até que a impureza seja eliminada, vem a iluminação do pensamento, até o pleno discernimento.

Aqui entramos no ensinamento prático mais detalhado de Patanjali, com seu bom senso sólido e luminoso. E, quando passamos a detalhar os meios do Yoga, podemos muito bem nos espantar com sua simplicidade. Há pouco de misterioso neles. São muito familiares. A essência da questão está em colocá-los em prática.

29 Os oito meios do Yoga são: os Mandamentos, as Regras, a Postura correta, o Controle correto da força vital, o Recolhimento, a Atenção, a Meditação e a Contemplação.

Esses oito meios devem ser seguidos em sua ordem, no sentido que logo ficará claro. Podemos compreender facilmente os dois primeiros comparando-os com os Mandamentos que devem ser obedecidos por todos os bons cidadãos e com as Regras impostas aos membros das ordens religiosas. Enquanto não se tiver cumprido o primeiro, é inútil ocupar-se do segundo. E assim acontece com todos os meios do Yoga. Devem ser adotados em sua ordem.

30 Os Mandamentos são estes: não causar dano, ser verdadeiro, abster-se do roubo, da impureza e da cobiça.

Esses cinco preceitos são quase exatamente os mesmos que os Mandamentos budistas: não matar, não roubar, não cometer excessos sexuais, não beber substâncias embriagantes, falar a verdade. Quase idêntica é a lista de São Paulo: Não cometerás adultério, não matarás, não roubarás, não cobiçarás. E no mesmo espírito está a resposta dada ao jovem que tinha muitos bens e perguntou: O que devo fazer para ser salvo? E recebeu a resposta: Guarda os Mandamentos.

Essa formação ampla e geral, que molda e desenvolve o caráter humano, deve ser realizada em grau bastante elevado antes que se possa ter muita esperança de sucesso nos estágios posteriores da vida espiritual. Primeiro o psíquico, depois o espiritual. Primeiro o homem, depois o anjo. É sobre esse fundamento amplo, humano e sábio que repousa o sistema de Patanjali.

31 Os Mandamentos, não limitados a nenhuma raça, lugar, tempo ou ocasião, universais, são a grande obrigação.

Os Mandamentos constituem a formação ampla e geral da humanidade. Cada um deles se apoia em uma lei espiritual universal. Cada um deles expressa um atributo ou aspecto do Eu, do Eterno; quando violamos um dos Mandamentos, colocamo-nos contra a lei e o ser do Eterno, trazendo assim sobre nós uma confusão inevitável. Por isso, os primeiros passos na vida espiritual devem ser dados por meio da obediência voluntária a essas leis espirituais, tornando-nos assim participantes dos poderes espirituais, do ser do Eterno. Como a lei da gravidade e a necessidade de ar para respirar, essas grandes leis não conhecem exceções. Elas vigoram em todas as terras, em todos os tempos, para toda a humanidade.

32 As Regras são estas: pureza, serenidade, aspiração fervorosa, leitura espiritual e perfeita obediência ao Mestre.

Aqui temos uma lei mais sutil, para a qual a humanidade como um todo está menos preparada, menos apta a obedecer. Ainda assim, podemos ver que essas Regras são, em essência, as mesmas que os Mandamentos, mas em um plano mais elevado, mais espiritual. Os Mandamentos podem ser obedecidos em atos e abstenções exteriores; as Regras exigem a obediência do coração e do espírito, uma consciência muito mais desperta e mais afirmativa. As Regras são a contraparte espiritual dos Mandamentos e têm graus mais sutis, para um crescimento espiritual mais avançado.

33 Quando as transgressões criam obstáculos, o peso da imaginação deve ser lançado para o lado oposto.

Tomemos um caso simples, o de um ladrão, um criminoso habitual, que se deixou levar ao roubo na infância, antes que a consciência moral tivesse

despertado. Podemos prender esse ladrão e privá-lo de toda possibilidade de novos roubos, ou de usar o dom divino da vontade. Ou podemos reconhecer suas condições desfavoráveis e ajudá-lo, aos poucos, a adquirir bens que expressem sua vontade e despertem seu respeito por si mesmo. Se imaginarmos que, depois de ele ter construído um bom patrimônio e de seus bens se tornarem preciosos para ele, ele próprio seja roubado, então podemos ver como chegaria a perceber vivamente a essência do roubo e da honestidade, e passaria a se apegar a práticas honestas com firme convicção. É de algum modo assim que a grande Lei nos ensina. Nossas tristezas e perdas nos ensinam a dor da tristeza e da perda que infligimos aos outros, e assim deixamos de infligi-las.

Agora, quanto à aplicação mais direta. Para vencer um pecado, que o coração e a mente se detenham, não no pecado, mas na virtude contrária. Que o pecado seja expulso pelo crescimento positivo na direção correta, não pela oposição direta. Afaste-se do pecado e avance com coragem, de modo construtivo e criativo, na prática do bem. Dessa maneira, toda a natureza será gradualmente elevada ao nível superior, no qual o pecado nem sequer existe. A vitória sobre um pecado é uma questão de crescimento e evolução, mais do que de oposição.

34 As transgressões são causar dano, mentir, roubar, entregar-se à incontinência e à inveja; sejam cometidas, provocadas ou consentidas, por ganância, ira ou fascinação; sejam leves, moderadas ou excessivas; produzindo frutos sem fim de ignorância e dor. Por isso, o peso deve ser lançado para o outro lado.

Eis as causas do pecado: ganância, ira, fascinação, com seus efeitos, ignorância e dor. As causas devem ser curadas por uma sabedoria melhor, por uma

compreensão mais verdadeira do Eu, da Vida. Pois a ganância não pode persistir diante da percepção de que o mundo inteiro pertence ao Eu, e de que somos esse Eu; tampouco podemos guardar ira contra alguém que é uno com o Eu e, por conseguinte, conosco; nem pode a fascinação, que é a busca da felicidade do Todo em alguma parte limitada dele, sobreviver ao conhecimento de que somos herdeiros do Todo. Portanto, que o pensamento e a imaginação, a mente e o coração, lancem seu peso para o outro lado; o lado, não do mundo, mas do Eu.

35 Onde a prática de não causar dano se aperfeiçoa, toda inimizade cessa na presença de quem a possui.

Chegamos agora aos poderes espirituais que resultam do cumprimento dos Mandamentos; da obediência à lei espiritual que é o cumprimento dos Mandamentos. Onde o coração está cheio de uma bondade que não busca causar dano a ninguém, seja em ato, pensamento ou desejo, esse amor pleno cria uma atmosfera de harmonia, cujo poder benéfico toca e cura todos os que entram em sua esfera de influência. A paz no coração irradia paz para outros corações, com ainda mais certeza do que a discórdia gera discórdia.

36 Quando ele se aperfeiçoa na verdade, todos os atos e seus frutos dependem dele.

O comentador explica assim: Se aquele que alcançou a realização disser a um homem: Torne-se justo!, o homem se torna justo. Se disser: Alcance o céu!, o homem alcança o céu. Sua palavra não é vã.

Exatamente a mesma doutrina foi ensinada pelo Mestre que disse a seus discípulos: Recebam o Espírito Santo: aqueles a quem vocês perdoarem os pecados terão seus pecados perdoados; e aqueles a quem vocês retiverem os pecados terão seus pecados retidos.

37 Onde o abandono do roubo se aperfeiçoa, todos os tesouros se apresentam a quem o pratica.

Eis uma sentença que pode nos alertar de que, além do sentido exterior e aparente, há em muitas destas sentenças um segundo significado, mais sutil. O sentido evidente é que aquele que abandonou inteiramente o roubo, em ato, pensamento e desejo, encontra tesouros enterrados em seu caminho, tesouros de joias, ouro e pérolas. A verdade mais profunda é que aquele que, até na menor coisa, é completamente honesto com o espírito da Vida encontra o apoio da Vida em todas as coisas e ganha acesso à casa dos tesouros da Vida, o universo espiritual.

38 Para aquele que é perfeito na continência, a recompensa é coragem e virilidade.

O poder criador, forte e cheio de vigor, já não é dissipado, mas voltado a usos espirituais. Ele sustenta e dota o homem espiritual, conferindo-lhe a vontade criadora, o poder de gerar filhos espirituais em lugar de descendentes corporais. Uma época da vida, a do homem animal, chegou ao fim; uma nova época, a do homem espiritual, se abre. O antigo poder criador é superado e transcendido; um novo poder criador, o do homem espiritual, toma seu lugar, trazendo consigo o poder de trabalhar criativamente nos outros em favor da justiça e da vida eterna.

Um dos comentários diz que aquele que alcançou a realização é capaz de transmitir à mente de seus discípulos o que sabe sobre a união divina e os meios de alcançá-la. Este é um dos poderes da pureza.

39 Onde há uma firme vitória sobre a cobiça, aquele que a venceu desperta para o como e o porquê da vida.

Assim, diz-se que, antes de podermos compreender as leis do Carma, deve-

mos nos libertar do Carma. A vitória sobre a cobiça traz esse rico fruto porque a raiz da cobiça é o desejo da alma individual, a vontade voltada para a vida manifestada. E onde o desejo da alma individual é vencido pela vida sublime e serena da Alma universal, que brota no íntimo do coração, o grande segredo é percebido: o segredo de que a alma individual não é uma realidade isolada, mas o raio, o instrumento manifesto da Vida, que a conduz de um lado para outro até que a grande obra seja cumprida, até que seja aprendida a lição que atravessa as eras. Assim, o como e o porquê da vida são revelados pelo abandono da cobiça. O Comentador diz que isso inclui o conhecimento dos próprios nascimentos anteriores.

40 Pela pureza, um afastamento da própria vida corporal, um abandono da fascinação pela vida corporal dos outros.

À medida que a luz espiritual cresce no íntimo do coração, à medida que o gosto pela Vida pura se fortalece, a consciência se abre para os grandes lugares secretos do interior, onde toda a vida é uma, onde todas as vidas são uma. A partir de então, esta vida exterior, manifestada e passageira, seja a nossa ou a dos outros, perde algo de seu encanto e fascínio, e buscamos antes as profundas infinitudes. Em vez da forma exterior e das circunstâncias de nossas vidas, ansiamos por sua essência interior e eterna. Desejamos menos a convivência exterior e a proximidade com nossos amigos do que aquela comunhão silenciosa com eles na câmara interior da alma, onde o espírito fala ao espírito, e o espírito responde; onde o afastamento e a separação nunca entram; onde a doença, a tristeza e a morte não podem chegar.

41 Aos puros de coração vêm também um espírito sereno, o pensamento concentrado em um só ponto, a vitória sobre a sensualidade e a aptidão para contemplar a Alma.

Bem-aventurados os puros de coração, pois verão Deus, que é a Alma suprema; o Eu último de todos os seres. No sentido mais profundo, pureza significa aptidão para essa visão e também um coração purificado de toda inquietação, de todo pensamento errante e desenfreado, do tormento das imaginações sensuais; e, quando o espírito está assim limpo e puro, torna-se uno em essência com sua fonte, o grande Espírito, a Vida primordial. Uma só consciência agora vibra em ambos, pois o muro de separação psíquica foi derrubado. Então os puros de coração verão Deus, porque se tornam Deus.

42 Da aceitação, o discípulo obtém a felicidade suprema.
Um dos sábios disse: aceite as condições, aceite os outros, aceite a si mesmo. Esta é a verdadeira aceitação, pois todas essas coisas são o que são pela vontade do Eu superior, exceto suas deficiências, que surgem quando se contraria a vontade do Eu superior e só podem ser vencidas pela conformidade com essa vontade. Pela verdadeira aceitação, o discípulo chega à unidade de espírito com a Alma que tudo governa; e, como a própria natureza da Alma é ser, felicidade, bem-aventurança, ele chega assim à felicidade suprema.

43 A perfeição dos poderes da vestimenta corporal vem pela eliminação gradual das impurezas e pela aspiração fervorosa.
Isso vale tanto para os poderes físicos como para aqueles que habitam as vestimentas superiores. Deve haver, primeiro, pureza; assim como o sangue deve ser puro antes que se possa alcançar a saúde física. Mas a ausência de impureza não basta por si só; caso contrário, muitos ascetas sem vigor dos claustros seriam considerados grandes santos. É necessário, ademais, um fogo positivo da vontade; um vigor vital intenso para os poderes físicos, e

algo mais sutil, mais puro, mais forte, mas de essência semelhante, para os poderes superiores. O fogo do gênio é mais do que uma expressão, pois não pode haver gênio sem o fogo celestial da vontade espiritual desperta.

44 Pela leitura espiritual, o discípulo alcança a comunhão com o Poder divino para o qual seu coração se volta.

A leitura espiritual significava, para a Índia antiga, algo mais do que significa para nós. Significava, primeiro, a recitação de textos sagrados que, em seus próprios sons, possuíam potências místicas; e significava a recitação de textos que haviam emanado do divino e continham em si a essência viva e poderosa do divino.

Para nós, a leitura espiritual significa uma comunhão com os ensinamentos registrados dos Mestres da sabedoria, pela qual, ao ler, entramos na mente do Mestre, assim como, por meio de sua música, podemos entrar na mente e na alma do mestre músico. Bem se disse que toda arte verdadeira é um contágio de sentimentos; de modo que, pela leitura verdadeira de livros verdadeiros, de fato entramos no espírito dos Mestres, participamos da atmosfera de sua sabedoria e de seu poder, e chegamos por fim à sua própria presença.

45 A visão da Alma se aperfeiçoa pela obediência perfeita ao Mestre.

A tristeza e a escuridão da vida vêm da vontade pessoal que erra ao se opor à vontade da Alma, a única grande Vida. O erro da vontade pessoal é inevitável, pois cada vontade deve ser livre para escolher, tentar e falhar, e assim encontrar o caminho. E a tristeza e a escuridão são inevitáveis até que o caminho seja encontrado e a vontade pessoal se torne novamente una com a

Vontade maior, na qual encontra descanso e poder, sem perder a liberdade. Na vontade Dele está a nossa paz. E com essa paz vem a luz. A visão da Alma se aperfeiçoa pela obediência.

46 A postura correta deve ser firme e sem tensão.

Aqui nos aproximamos de uma parte do ensinamento que tem claramente um duplo sentido. O primeiro é físico e diz respeito à posição corporal do estudante e à regulação da respiração. Essas coisas têm influência direta sobre a vida da alma, a vida do homem espiritual, pois é sempre e em toda parte verdade que nosso estudo exige uma mente sã em um corpo são. A presente sentença declara que, para o trabalho e para a meditação, a posição do corpo deve ser estável e sem tensão, para que as correntes mais sutis da vida possam seguir seu curso.

Ela se aplica também à postura da alma, àquele equilíbrio e estabilidade sutis que nada pode abalar, nos quais a consciência repousa sobre o fundamento firme do ser espiritual. Esta é, de fato, a casa construída sobre a rocha, contra a qual os ventos e as ondas se lançam em vão.

47 O equilíbrio correto deve ser alcançado pelo esforço constante e moderado e pela dedicação do coração ao que é eterno.

Aqui, mais uma vez, há um duplo sentido, pois o equilíbrio físico deve ser alcançado pelo esforço constante dos músculos, por um treinamento gradual e sensato, aliado à compreensão correta da força universal da gravidade e à relação correta com ela. A postura ereta do corpo exige que ambas as condições sejam cumpridas.

Da mesma forma, o equilíbrio firme e ereto do homem espiritual deve ser alcançado pelo esforço constante e contínuo, sempre guiado pela sabedoria, e pela dedicação do coração ao Eterno, enchendo a alma com a atmos-

fera do mundo espiritual. Nenhum dos dois é eficaz sem o outro. A aspiração sem esforço traz fraqueza; o esforço sem aspiração traz uma falsa força, que não se apoia em coisas duradouras. Os dois juntos contribuem para o equilíbrio correto, que mantém o homem espiritual firme e estável sobre os próprios pés.

48 O fruto do equilíbrio correto é a força para resistir aos abalos do deslumbramento ou da tristeza.

No sentido físico mais simples, também almejado pela formulação do original, esta frase significa que o esforço sensato estabelece um equilíbrio corporal tal que os acidentes da vida não podem perturbá-lo, assim como o capitão permanece firme, ainda que o desastre se abata sobre seu navio.

Mas o sentido mais profundo é muito mais importante. O homem espiritual também deve aprender a suportar todos os abalos, a permanecer firme em meio às perturbações das coisas externas e às tempestades e aos redemoinhos do mundo psíquico. Esse é o poder que se alcança pelo esforço sensato e contínuo e pelo preenchimento do espírito com a atmosfera do Eterno.

49 Quando isso é alcançado, segue-se a orientação correta das correntes da vida, o controle da entrada e da saída do ar na respiração.

Hoje se compreende bem que a maioria de nossas doenças vem de condições impuras do sangue. Começa-se a compreender que a respiração correta, a oxigenação correta, contribuirá muito para manter o sangue limpo e puro. Por conseguinte, o conhecimento correto da respiração faz parte da ciência da vida.

Mas o sentido mais profundo é que o homem espiritual, quando alcança o equilíbrio pelo esforço correto e pela aspiração, pode permanecer firme e

orientar as correntes de sua vida, tanto a corrente de acontecimentos que entra quanto a corrente de seus atos que sai.

Exatamente o mesmo simbolismo é usado na afirmação: Não é o que entra pela boca que contamina o homem; mas o que sai da boca, isso contamina o homem.... As coisas que saem da boca vêm do coração ... do coração saem maus pensamentos, assassinatos, impureza, roubos, falsos testemunhos, blasfêmias. Portanto, o primeiro passo na purificação é guardar os Mandamentos.

50 A corrente da vida se dirige para fora, para dentro ou permanece em equilíbrio; ela é regulada de acordo com o lugar, o tempo e o número; é prolongada e sutil.

O lado técnico e físico disso tem seu valor. Na respiração, deve haver uma inspiração correta, seguida pelo período de pausa, quando o ar entra em contato com o sangue, e este, por sua vez, deve ser seguido por uma expiração correta, uniforme, constante e silenciosa. Além disso, os pulmões devem ser preenchidos de maneira uniforme; muitas doenças podem surgir da negligência e do consequente enfraquecimento de alguma região dos pulmões. E o número de respirações é tão importante, tão intimamente relacionado à saúde, que toda ficha de enfermagem o registra.

Mas o sentido mais profundo diz respeito às correntes da vida; àquilo que entra no coração e dele sai.

51 O quarto grau transcende os objetos externos e internos.

O sentido interior parece ser que, além dos três graus de controle já descritos, isto é, o controle sobre a corrente da vida que entra, sobre a corrente que sai e sobre a condição de pausa ou quietude, há um quarto grau de controle, que mantém sob domínio completo tanto o curso exterior dos

acontecimentos quanto as correntes interiores de pensamentos e emoções; uma condição de perfeito equilíbrio e estabilidade em meio ao fluxo das coisas externas e internas.

52 Assim se desgasta o véu que encobre a luz.
O véu é a natureza psíquica, a teia de emoções, desejos e encadeamentos de pensamentos argumentativos que encobrem e obscurecem a verdade ao absorver toda a atenção e manter a consciência no domínio psíquico. Quando as esperanças e os medos são avaliados por seu verdadeiro valor, em comparação com os bens duradouros da Alma; quando os reflexos exteriores das coisas deixam de nos distrair das realidades interiores; quando o pensamento argumentativo já não nos enreda, mas cede seu lugar à intuição fulgurante, à certeza que brota de dentro; então o véu se desgasta, a consciência é conduzida do psíquico ao espiritual, do temporal ao Eterno. Então a luz é desvelada.

53 Daí vem o poder da mente de se manter na luz.
Já se disse com razão que aquilo de que mais precisamos é a faculdade da atenção espiritual; e, nessa mesma linha de pensamento, declarou-se com eloquência que a oração não consiste em atrairmos a atenção de Deus, mas em permitirmos que Deus prenda nossa atenção.
O essencial é que precisamos libertar nossa consciência da sujeição ruidosa e perturbada ao psíquico e alcançar a consciência como homem espiritual. Isso devemos fazer, primeiro, pela purificação, por meio dos Mandamentos e das Regras; e, segundo, pela faculdade da atenção espiritual, atendendo constantemente às inúmeras e sutis indicações do poder espiritual dentro

de nós e dirigindo nossa consciência a ele; assim, transferindo aos poucos o centro da consciência do psíquico para o espiritual. É uma questão, primeiro, de amor e, depois, de atenção.

54 O Recolhimento correto é a libertação das faculdades de seu envolvimento com as coisas exteriores, uma vez que a natureza psíquica foi recolhida e aquietada.

Para compreender isso, invertamos o processo e pensemos na consciência única, centrada na Alma, expandindo-se gradualmente e assumindo a forma das diferentes faculdades de percepção; ao mesmo tempo, a vontade única se diferencia nas variadas faculdades de ação.

Agora imaginemos a inversão disso, de modo que a força espiritual, que passou para as faculdades diferenciadas, seja mais uma vez reunida no poder interior da intuição e da vontade espiritual, assumindo aquela unidade que é a marca das coisas espirituais, assim como a diversidade é o selo das coisas materiais.

Tudo é uma questão de amor pela qualidade da consciência espiritual, em comparação com a consciência psíquica, de amor e atenção. Pois onde estiver o coração, ali estará também o tesouro; onde estiver a consciência, ali se desenvolverá a vestimenta com suas faculdades.

55 Segue-se então o domínio perfeito sobre as faculdades.

Quando se alcança a condição espiritual que descrevemos, com sua pureza, seu equilíbrio e sua visão iluminada, o homem espiritual começa a tomar posse de sua herança e a adquirir o domínio completo de suas faculdades.

De fato, grande parte da luta para guardar os Mandamentos e as Regras vem preparando o caminho para esse domínio; por meio dessa própria luta e desse sacrifício, o domínio se tornou possível; assim como, para usar a

comparação de São Paulo, o atleta alcança o domínio na competição e na corrida por meio do sacrifício de seu longo e árduo treinamento. Assim ele conquista a coroa.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

INTRODUÇÃO AO LIVRO III

✦

1 O terceiro livro dos Sutras é o Livro dos Poderes Espirituais. Ao considerar esses poderes espirituais, duas coisas devem ser compreendidas e guardadas na memória.

1.2 A primeira é esta: esses poderes espirituais só podem ser adquiridos quando o desenvolvimento descrito no primeiro e no segundo livros tiver sido alcançado em grau perceptível; quando os Mandamentos tiverem sido cumpridos, as Regras fielmente seguidas, e as experiências descritas tiverem sido vividas.

1.3 Pois apenas depois disso o homem espiritual terá crescido o suficiente e se libertado o suficiente das amarras e dos véus psíquicos que o aprisionavam e cegavam para poder usar seus próprios poderes e faculdades.

1.4 Pois este é o segredo de todos os poderes espirituais: eles não são, de modo algum, um desenvolvimento anormal ou sobrenatural sobre o homem material, mas sim os poderes e as faculdades inerentes ao homem espiritual, inteiramente naturais a ele, e que entram naturalmente em atividade à medida que o homem espiritual se desvencilha e se liberta da servidão psíquica, pelo cumprimento dos Mandamentos e das Regras já apresentados.

2 Como o homem pessoal é a limitação e a inversão do homem espiritual, todas as suas faculdades e todos os seus poderes são inversões dos poderes do homem espiritual. Em uma só frase, sua busca de si mesmo é a inversão da busca do Eu que constitui o próprio ser do homem espiritual: a busca incessante do Eu divino e augusto de todos os seres.

2.2 Essa inversão é corrigida pelo cumprimento dos Mandamentos e das Regras e, gradualmente, à medida que a inversão é superada, o homem espiritual se liberta e passa a possuir e exercer livremente seus poderes. Os poderes espirituais, por conseguinte, são os poderes do homem espiritual desenvolvido e liberto.

2.3 Eles só podem ser desenvolvidos e usados à medida que o homem espiritual cresce e alcança a libertação por meio da obediência. Esta é a primeira coisa a ter em mente em tudo o que se diz sobre os poderes espirituais no terceiro e no quarto livros dos Sutras. A segunda coisa a compreender e ter em mente é esta:

3 Assim como nossos sábios modernos discerniram e ensinaram que toda a matéria é, em última análise, una e eterna, relacionada de maneira definida em toda a vastidão do universo; assim como discerniram e ensinaram que toda a força é una e eterna, tão coordenada em todo o universo que tudo o que afeta qualquer átomo afeta de modo perceptível todo o reino ilimitado da matéria e da força, até a estrela ou nebulosa mais distante nos confins obscuros do espaço; assim também os sábios antigos haviam discernido e ensinado que toda a consciência é una, imortal, indivisível, infinita; tão intimamente interligada e contínua que tudo o que é percebido por qualquer consciência está, de fato ou em potencial, ao alcance de toda a consciência e, portanto, ao alcance de qualquer consciência.

3.2 Isso foi bem expresso ao se dizer que todas as almas são fundamentalmente unas com a Alma Suprema; que o Filho de Deus, e todos os Filhos de Deus, são fundamentalmente unos com o Pai.

3.3 Quando a consciência se livra das amarras e dos véus psíquicos, quando o homem espiritual é capaz de se manter de pé, de ver, então esta magnífica lei entra em ação: tudo o que está no conhecimento de qualquer consciência, e isso inclui todo o universo infinito, está ao seu alcance e pode, se ele quiser, tornar-se parte de sua consciência.

3.4 Isso ele pode alcançar por meio de sua unidade fundamental com a Alma Suprema, elevando-se em direção à consciência acima dele e recorrendo aos recursos dela. O Filho, se quiser realizar milagres, sejam de percepção ou de ação, deve entrar com frequência na presença do Pai.

3.5 Este é o direito de nascimento do homem espiritual; por meio dele, passa a possuir seus poderes esplêndidos e imortais. Que se tenha claramente em mente que aquilo que será relatado aqui sobre o homem espiritual e seus poderes elevados não deve, de modo algum, ser separado do que veio antes.

3.6 A existência, o próprio surgimento, do homem espiritual depende da purificação e da realização moral já detalhadas, e de modo algum pode dispensá-las ou reduzi-las.

4 Que ninguém imagine que a verdadeira vida, os verdadeiros poderes do homem espiritual, possam ser alcançados por qualquer caminho que não seja o difícil caminho do sacrifício, da provação, da renúncia, da conquista desinteressada de si mesmo e da dedicação genuína ao bem-estar de todos os outros. Apenas assim se pode chegar aos portões dourados e atravessá-los.

4.2 Somente assim podemos alcançar aquele mundo puro em que o homem espiritual vive, se move e tem sua existência. Nada impuro, nada profano jamais pode cruzar esse limiar, muito menos motivos impuros ou de-

sejos egoístas. Estes devem ser consumidos pelo fogo antes que se possa entrar nesse mundo.

5 Mas onde há luz, há sombra; e a luz elevada da alma projeta sobre as nuvens do mundo intermediário a sombra do homem espiritual e de seus poderes; a vestimenta bastarda e os poderes bastardos do psiquismo são facilmente alcançados; porém, mesmo quando alcançados, são uma ilusão, a própria essência da irrealidade.

6 Por conseguinte, reflita bem sobre as regras anteriores e estabeleça um alicerce firme de coragem, sacrifício, desprendimento e santidade.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III — OS PODERES

✦

1 Prender a consciência que percebe a uma determinada região é a atenção (dharana).

Emerson cita Sir Isaac Newton, que dizia ter feito as suas grandes descobertas mantendo a mente voltada para elas. É isso o que se quer dizer aqui. Leio a página de um livro pensando em outra coisa. No fim da página, não faço ideia do que se trata e a leio de novo, ainda pensando em outra coisa, com o mesmo resultado. Então desperto, por assim dizer, faço um esforço de atenção, fixo o pensamento no que estou lendo e apreendo facilmente o seu sentido. O ato de vontade, o esforço de atenção, o voltar da mente para cada palavra e cada linha da página, assim como os olhos se focam em cada palavra e cada linha, é o poder aqui considerado. É o poder de focar a consciência num ponto dado e mantê-la ali. A atenção é o primeiro passo, e indispensável, de todo conhecimento. A atenção às coisas espirituais é o primeiro passo para o conhecimento espiritual.

2 Manter por longo tempo a consciência que percebe nessa região é a meditação (dhyana).

Isso vale igualmente para as coisas exteriores e interiores. Posso fixar por um momento a atenção num objeto visível, num único olhar penetrante, ou posso manter a atenção fixa nele até que revele muito mais da sua natureza do que um único olhar poderia perceber. O primeiro é focar o holofote da consciência sobre o objeto. O outro é manter o feixe branco de luz firme e persistente sobre o objeto, até que ele entregue o segredo dos seus detalhes. O mesmo vale para as coisas interiores; pode-se fixar por um momento o

olhar interior nas coisas espirituais, ou pode-se manter a consciência firme sobre elas, até que o que estava no escuro venha lentamente para a luz e entregue o seu segredo imortal. Mas isso só é possível para o homem espiritual, depois de cumpridos os Mandamentos e as Regras; pois, enquanto isso não for feito, as tempestades aglomeradas de pensamentos psíquicos dispersam e distraem a atenção, de modo que ela não permanece fixa nas coisas espirituais. Os cuidados deste mundo e a ilusão das riquezas sufocam a palavra da mensagem espiritual.

3 Quando a consciência que percebe, nessa meditação, se entrega completamente a iluminar o sentido essencial do objeto contemplado e se liberta do sentimento de separação e de personalidade, isso é a contemplação (samadhi).

Revejamos os passos dados até aqui. Primeiro, o feixe da consciência que percebe é focado numa determinada região ou assunto, pelo esforço da atenção. Depois, essa consciência atenta é mantida sobre o seu objeto. Em terceiro lugar, há a vontade ardente de conhecer o seu sentido, de iluminá-lo com o pensamento que compreende. Em quarto lugar, toda inclinação pessoal — todo desejo de apenas confirmar uma opinião anterior e assim provar que se tem razão, e todo desejo de proveito ou de satisfação pessoal — deve ser posta inteiramente de lado. Deve haver um amor puramente desinteressado da verdade por ela mesma. Assim a consciência que percebe fica, por assim dizer, vazia de toda personalidade ou sentimento de separação. A limitação pessoal se põe de lado e deixa que a Consciência Universal se volte para o problema. A Alma Suprema dirige o seu raio sobre o objeto e o ilumina com luz pura.

[4] Quando estes três, Atenção, Meditação e Contemplação, são exercidos ao mesmo tempo, isso é a Meditação perfeitamente concentrada (samyama). Quando a limitação pessoal da consciência que percebe se põe de lado e permite que a Consciência Universal se volte para o problema, surge aquele conhecimento real que se chama lampejo de gênio; aquele conhecimento real que faz descobertas e sem o qual nenhuma descoberta pode ser feita, por mais cuidadoso que seja o esforço. Pois o gênio é a visão do homem espiritual, e essa visão é uma questão de crescimento, mais do que de esforço presente; embora o esforço certo, continuado do modo certo, leve com o tempo, infalivelmente, ao crescimento e à visão. Por esse poder de pôr de lado a limitação pessoal, de afastar as pequenas preocupações e cuidados e de firmar toda a natureza e a vontade num amor ardente pela verdade e no desejo de conhecê-la; por esse poder de abrir caminho para a Consciência Universal, todos os grandes homens fazem as suas descobertas. Newton, vendo a maçã cair na terra, pôde olhar além, ver as ondas sutis de força pulsando através de maçãs, mundos, sóis e galáxias, e assim perceber a gravitação universal. A Alma Suprema, olhando pelos olhos dele, reconheceu a força universal, um de seus próprios filhos. Darwin, observando as formas e os movimentos das plantas e dos animais, deixou que a mesma consciência augusta se voltasse para eles e viu o crescimento infinito aperfeiçoado pela luta incessante. Percebeu o soberbo processo da evolução, e mais uma vez a Alma Suprema reconheceu o que era seu. Fraunhofer, notando as linhas escuras na faixa da luz do sol em seu espectroscópio, intuiu a sua identidade com as linhas brilhantes nos espectros do ferro, do sódio e dos demais elementos incandescentes, e assim viu a unidade da substância nos mundos e nos sóis, a unidade dos materiais do universo. Mais uma vez a Alma Suprema, olhando com os olhos dele, reconheceu o

que era seu. Assim acontece com todo conhecimento verdadeiro. Mas a mente deve transcender as suas limitações, as suas idiossincrasias; deve haver pureza, pois aos puros de coração é feita a promessa de que verão a Deus.

5 Pelo domínio dessa Meditação perfeitamente concentrada vem a iluminação da percepção.

O sentido disso se ilustra pelo que já foi dito. Quando o homem espiritual consegue livrar-se das amarras da limitação emocional e mental e abrir os olhos, ele vê com clareza, alcança a percepção iluminada. Um poeta disse certa vez que o Ocultismo é o cultivo consciente do gênio; e é certo que o homem espiritual desperto alcança as percepções do gênio. O gênio é a visão, o poder, do homem espiritual, quer quem o possui o reconheça, quer não. Todo conhecimento verdadeiro pertence ao homem espiritual. Os maiores de todas as épocas reconheceram isso e deixaram registrado o seu testemunho. Os grandes em sabedoria que não o reconheceram conscientemente sempre estiveram cheios do espírito de reverência, de devoção desinteressada à verdade, de humildade, como Darwin; e a reverência e a humildade são o reconhecimento inconsciente da proximidade do Espírito, aquela Divindade que paira sobre nós, como um Senhor sobre um escravo.

6 Esse poder se distribui em graus ascendentes.

Deve ser alcançado passo a passo. Não é uma questão de milagre, mas de evolução, de crescimento. Newton teve de dominar a tabuada, depois as quatro operações da aritmética, depois os rudimentos da álgebra, antes de chegar ao teorema binomial. Em cada ponto houve atenção, concentração, discernimento; enquanto isso não foi alcançado, não foi possível avançar ao ponto seguinte. O mesmo com Darwin. Teve de aprender a forma e a fun-

ção da folha e da flor, do osso e do músculo; as características dos gêneros e das espécies; a distribuição das plantas e dos animais, antes de ter na mente aquele nexo de conhecimento sobre o qual a luz da sua grande ideia pôde enfim brilhar. Assim acontece com todo conhecimento. Assim acontece com o conhecimento espiritual. Vejamos a questão deste modo: o primeiro assunto para o exercício do meu discernimento espiritual é o meu dia, com as suas circunstâncias, os seus obstáculos, as suas oportunidades, os seus deveres. Faço o que posso para resolvê-lo, cumprir os seus deveres, aprender as suas lições. Procuro viver o meu dia com aspiração e fé. Esse é o primeiro passo. Fazendo isso, recolho uma colheita para a noite, ganho uma compreensão mais profunda da vida, em virtude da qual começo o dia seguinte com certa vantagem, certo avanço e conquista espiritual. Assim com todos os dias que se seguem. Com fé e aspiração, passamos de dia em dia, crescendo em conhecimento e poder, sem nunca ter mais de um dia para resolver de cada vez, até que toda a vida se torne radiante e transparente.

7 Esse poder tríplice, de Atenção, Meditação e Contemplação, é mais interior do que os meios de crescimento descritos antes.
É muito natural que seja assim; pois os meios de crescimento descritos antes diziam respeito a desembaraçar o homem espiritual das escravidões e dos véus psíquicos; enquanto esse poder tríplice deve ser exercido pelo homem espiritual já desembaraçado e de pé, olhando a vida com os olhos abertos.

8 Mas essa tríade ainda é exterior à visão da alma, que é incondicionada, livre da semente das análises mentais.
A razão é esta: o poder tríplice que estivemos considerando, a tríade de Atenção, Contemplação e Meditação, é, até onde a consideramos, o foco do

feixe da consciência que percebe sobre alguma forma de ser manifesto, com o fim de compreendê-la por completo. Há uma etapa mais alta, em que o feixe da consciência se volta sobre si mesmo, e a consciência individual entra na Consciência Universal e a conhece. Isso é um ser, um ser na imortalidade, mais do que um conhecer; está livre da análise mental ou das formas mentais. Não é uma atividade da mente superior, nem mesmo da mente do homem espiritual. É uma atividade da alma. Se Newton tivesse subido a essa etapa mais alta, teria conhecido não as leis do movimento, mas aquele Ser elevado de cuja Vida vem o movimento eterno. Se Darwin tivesse subido até ela, teria visto a Alma, cujo pensamento e cujo ser graduados toda a evolução exprime. Há, por conseguinte, estas duas percepções: a das coisas vivas e a da Vida; a das obras da Alma e a da própria Alma.

9 Um dos graus ascendentes é o desenvolvimento do Controle. Primeiro, há a superação da impressão mental de excitação. Depois vem a manifestação da impressão mental de Controle. Depois a consciência que percebe segue o momento de Controle.

Isso é o desenvolvimento do Controle. O sentido parece ser este: algum objeto entra no campo de observação e a princípio excita violentamente a mente, despertando curiosidade, medo, espanto; depois a consciência volta, por assim dizer, sobre si mesma e toma firmemente a percepção nas mãos, firmando-se e olhando a questão com calma, do alto. Esse esforço da vontade que firma a consciência que percebe é o Controle, e logo depois dele vêm a percepção, a compreensão, o discernimento.

Tomemos um exemplo banal. Suponha-se que alguém caminha numa floresta indiana. Surge subitamente um elefante em investida. O homem se agita de espanto e, talvez, de terror. Mas faz um esforço de vontade, per-

cebe a situação em seus verdadeiros termos e reconhece que precisa fazer certa coisa; neste caso, provavelmente, sair do caminho o mais depressa possível.

Ou um cometa, sem aviso, aparece no céu como uma espada flamejante. Quem o vê fica a princípio espantado, talvez aterrorizado; mas domina-se, controla os pensamentos, observa a aparição com calma e, por fim, calcula a sua órbita e a sua relação com as chuvas de meteoros.

São ilustrações extremas; mas em todo conhecimento a ordem da percepção é a mesma: primeiro, a excitação da mente pelo objeto novo que nela se imprime; depois, o controle da mente a partir de dentro; e a isso segue a percepção da natureza do objeto. Onde os olhos do homem espiritual estão abertos, essa será uma percepção espiritual verdadeira e penetrante. De modo semelhante nos chegam as nossas experiências vivas: primeiro, com um choque de dor; depois a Alma se firma e controla a dor; depois o espírito percebe a lição do acontecimento e o seu lugar na revelação progressiva da vida.

10 Pela repetição frequente desse processo, a mente se habitua a ele, e surge um fluxo sereno da consciência que percebe.

O controle da mente pela Alma, como o controle dos músculos pela mente, vem da prática e da repetição voluntária constante.

Como exemplo do controle dos músculos pela mente, tome-se a prática incessante pela qual um músico domina o seu instrumento, ou um esgrimista ganha destreza com o florete. Inúmeros pequenos esforços de atenção produzirão um resultado que parece quase milagroso; que, para o principiante, é realmente milagroso. Pense-se então naquele instrumento muito mais maravilhoso, a mente que percebe, tocado por aquele fino mú-

sico, a Alma. Aqui também, inúmeros pequenos esforços de atenção se acumularão em domínio, e num domínio que vale a pena conquistar. Como exemplo concreto, tome-se a conquista gradual de cada dia, o esforço de viver esse dia para a Alma. Ao que for fiel até a morte, o Mestre dá a coroa da vida.

11 A conquista gradual da tendência da mente a saltar de um objeto para outro, e o poder de concentração num só ponto, constituem o desenvolvimento da Contemplação.

Como ilustração da tendência da mente a saltar de um objeto para outro, tome-se um menino aprendendo aritmética. Ele começa: duas vezes um, dois; três vezes um, três — e então pensa nas três moedas que tem no bolso, que vão comprar tantos doces na loja ali na rua, ao lado da loja de brinquedos, onde há bolas de beisebol, bolinhas de gude e assim por diante — e então volta com um sobressalto a quatro vezes um, quatro. Assim também conosco. Buscamos o sentido da nossa tarefa, mas a mente aproveita um momento de atenção relaxada e salta de um detalhe frívolo para outro, até que subitamente voltamos à consciência depois de percorrer léguas de espaço. Precisamos aprender a vencer isso e a voltar para dentro de nós mesmos, para o próprio feixe da consciência que percebe, que é um raio da Alma Suprema. Essa é a verdadeira concentração num só ponto: levar a nossa consciência a um foco na Alma.

12 Quando, depois disso, a tendência múltipla controlada e a concentração despertada são partes igualmente equilibradas da consciência que percebe, isso é o desenvolvimento da concentração num só ponto.

Isso parece significar que o discernimento chamado concentração num só ponto tem dois lados, igualmente equilibrados. Há, primeiro, o aspecto

múltiplo de qualquer objeto, a soma de todas as suas características e propriedades. Isso deve ser mantido firmemente na mente. Depois há a percepção do objeto como unidade, como um todo, a percepção da sua essência. Primeiro, os detalhes devem ser percebidos com clareza; depois, a essência deve ser compreendida. Quando os dois processos estão igualmente equilibrados, alcança-se a verdadeira concentração num só ponto. Tudo tem esses dois lados, o lado da diferença e o lado da unidade; há o indivíduo e há o gênero; o polo da matéria e da diversidade e o polo da unidade e do espírito. Para ver o objeto de verdade, precisamos ver ambos.

13 Por isso se tornam claros o caráter inerente, as marcas distintivas e as condições dos seres e dos poderes, segundo o seu desenvolvimento.

Pelo poder definido no sutra anterior, tornam-se claros o caráter inerente, as marcas distintivas e as condições dos seres e dos poderes. Pois, por meio desse poder, assim definido, obtemos uma visão dupla de cada objeto, vendo ao mesmo tempo todas as suas características individuais e o seu caráter essencial, a espécie e o gênero; vemo-lo em relação a si mesmo e em relação ao Eterno. Assim vemos uma rosa como aquela flor em particular, com a sua cor e o seu perfume, a dobra própria de cada pétala; mas vemos nela também a espécie, a família a que pertence, com a sua relação com todas as plantas, com toda a vida, com a própria Vida. Assim, em qualquer dia, vemos acontecimentos e circunstâncias; vemos nele também a lição proposta à alma pelo Eterno.

14 Todo objeto tem características que já estão em repouso, outras que estão ativas e outras que ainda não podem ser definidas.

Todo objeto tem características que pertencem ao seu passado, ao seu presente e ao seu futuro. Num abeto, por exemplo, há os tocos ou as cicatrizes

dos galhos mortos, que um dia foram a ponta do seu crescimento; há os galhos com as suas agulhas abertas ao ar; há os brotos na ponta de cada galho e raminho, que trazem as agulhas ainda bem apertadas, promessa do futuro. Do mesmo modo, a crisálida tem, como passado, a lagarta; como futuro, a borboleta. O homem tem, no seu passado, o animal; no seu futuro, o anjo. Ambos já são visíveis em seu rosto. Assim com todas as coisas, pois todas as coisas mudam e crescem.

15 A diferença de etapa é a causa da diferença de desenvolvimento.
Isto apenas amplia o que acaba de ser dito. A primeira etapa é a muda, a lagarta, o animal. A segunda etapa é a árvore em crescimento, a crisálida, o homem. A terceira é o pinheiro esplêndido, a borboleta, o anjo. A diferença de etapa é a causa da diferença de desenvolvimento. Assim é entre os homens e entre as raças dos homens.

16 Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre as três etapas do desenvolvimento vem o conhecimento do passado e do futuro.
Tiramos as nossas ilustrações da ciência natural porque, sendo toda verdadeira descoberta da ciência natural a adivinhação de uma lei da natureza, alcançada num lampejo de gênio, essas descobertas representam realmente atos de percepção espiritual, atos de percepção do homem espiritual, ainda que em geral não sejam reconhecidas assim. Podemos, então, usar mais uma vez a mesma ilustração. A Meditação perfeitamente concentrada, o discernimento perfeito da crisálida, revela a lagarta que ela foi e a borboleta que está destinada a ser. Quem conhece a semente conhece a vagem ou a espiga de onde veio e a planta que dela há de vir. Do mesmo modo, quem co-

nhece de verdade o hoje, e o coração do hoje, conhece o ontem, seu pai, e o amanhã, seu filho. Passado, presente e futuro estão todos no Eterno. Quem habita no Eterno conhece os três.

17 O som, o objeto e o pensamento evocados por uma palavra se confundem porque estão todos misturados na mente. Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre a distinção entre eles vem a compreensão dos sons emitidos por todos os seres.

É preciso lembrar que estamos falando da percepção pelo homem espiritual.

O som, como toda força, é a expressão de um poder do Eterno. Infinitas nuances desse poder se exprimem nos tons infinitamente variados do som. Quem, tendo acesso à consciência do Eterno, conhece a essência desse poder pode adivinhar o sentido de todos os sons, da voz do inseto à música das esferas.

Do mesmo modo, quem alcançou a visão espiritual pode perceber as imagens mentais nos pensamentos dos outros, com a nuance de sentimento que as acompanha, lendo assim os seus pensamentos tão facilmente quanto ouve as suas palavras. Todos têm o germe desse poder, pois uma diferença de tom dá sentidos muito diferentes às mesmas palavras, sentidos que todos percebem intuitivamente.

18 Quando as impressões mentais se tornam visíveis, vem a compreensão dos nascimentos anteriores.

Isso é bem simples, se compreendermos a verdade do renascimento. A fina colheita das experiências passadas é recolhida na natureza espiritual, formando, na verdade, a base do seu desenvolvimento. Quando a consciência

foi elevada a um ponto acima dessas finas impressões subjetivas e pode olhá-las do alto, isso já será, em si, uma lembrança dos nascimentos passados.

19 Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre as imagens mentais obtém-se a compreensão dos pensamentos dos outros.
Aqui está, para os que podem tirar proveito disso, o segredo da leitura do pensamento. Tome-se o caso mais simples de transmissão intencional de pensamento. É o testemunho dos que a praticaram que a mente que percebe precisa estar aquietada antes que se possa ver a imagem mental projetada pela outra mente. Com ela vem a percepção do sentimento e do estado de ânimo da outra mente, e assim por diante, em graus mais altos.

20 Mas, como aquilo em que se apoia o pensamento na mente do outro não é objetivo para a consciência de quem lê o pensamento, ele percebe só o pensamento, e não também aquilo em que o pensamento se apoia.
O sentido parece simples: pode-se ser capaz de perceber os pensamentos de alguém a distância; não se pode, só por esse meio, perceber também o ambiente exterior dessa pessoa, que desperta esses pensamentos.

21 Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre a forma do corpo, suspendendo a perceptibilidade do corpo e inibindo o poder de visão do olho, vem o poder de tornar o corpo invisível.
Há muitos exemplos do exercício desse poder, por mesmeristas, hipnotizadores e semelhantes; e podemos chamá-lo simplesmente de um caso do poder de sugestão. Shankara nos diz que é por esse poder que os mágicos populares do Oriente realizam os seus prodígios, agindo sobre as imagens mentais dos outros enquanto eles mesmos permanecem invisíveis. Tudo é uma questão de ser capaz de ver e controlar as imagens mentais.

22 As obras que preenchem a duração da vida podem agir de imediato ou aos poucos. Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre elas vem o conhecimento do tempo do fim, assim como pelos sinais.
Uma roupa molhada, diz o comentador, pode ser estendida para secar, e assim secar depressa, ou pode ser enrolada numa bola e secar devagar; assim também um fogo pode arder em chamas ou queimar sem chama. Assim acontece com o Carma, as obras que preenchem a duração da vida. Pelo discernimento das formas e das forças mentais que compõem o Carma, vem o conhecimento da rapidez ou da lentidão do seu desenvolvimento e do tempo em que a dívida será paga.

23 Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre a simpatia, a compaixão e a bondade obtém-se o poder de união interior com os outros.
A unidade é a realidade; a separação, a ilusão. Quanto mais nos aproximamos da realidade, mais nos aproximamos da unidade de coração. A simpatia, a compaixão e a bondade são modos dessa unidade de coração, pela qual nos alegramos com os que se alegram e choramos com os que choram. Essas coisas se aprendem desejando aprendê-las.

24 Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre a força, pode-se obter até uma força como a do elefante.
É uma bela imagem. Os elefantes possuem não apenas força, mas equilíbrio e finura de controle. Podem erguer uma palha, uma criança, uma árvore, com controle e esforço perfeitamente medidos. Assim, a comparação é boa. Pelo desapego, retirando-nos para o reservatório de força da alma, podemos obter tudo isso, força, finura e equilíbrio; a capacidade de lidar com igual domínio com as coisas pequenas e grandes, concretas e abstratas.

25 Dirigindo sobre elas a luz interior desperta, vem o conhecimento das coisas sutis, ocultas ou obscuras.

Como foi dito no início, cada consciência está relacionada com toda a consciência; e, por meio dela, tem uma consciência potencial de todas as coisas, sejam sutis, ocultas ou obscuras. A compreensão dessa grande verdade virá com a prática. Como disse um dos sábios, não fazemos ideia do poder da Meditação.

26 Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre o sol vem o conhecimento dos mundos.

Isso tem vários sentidos. Primeiro, pelo conhecimento da constituição do sol, os astrônomos podem compreender a natureza semelhante das estrelas. E diz-se que há uma astronomia mais fina, na qual o homem espiritual é o astrônomo. Mas o sol significa também a Alma, e pelo conhecimento da Alma vem o conhecimento dos reinos da vida.

27 Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre a lua vem o conhecimento das mansões lunares.

Aqui também há sentidos diferentes. A lua é, primeiro, o astro companheiro que, a cada dia, recua através de uma mansão das estrelas. Observando a lua, aprendem-se os limites das mansões, com a sua sucessão no grande mostrador do tempo que é o céu. Mas a lua simboliza também a mente analítica, com os seus reinos divididos; e também esses podem ser compreendidos pela Meditação perfeitamente concentrada.

28 Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre a estrela polar fixa vem o conhecimento dos movimentos das estrelas.

Dirigindo-se ao Dever, filha severa da Voz de Deus, Wordsworth disse com beleza:

Tu preservas as estrelas do erro, e os céus mais antigos, por ti, são frescos e fortes —

sugerindo assim uma relação profunda entre os poderes morais e os poderes que regem os mundos. Assim, neste Sutra, a estrela polar fixa é o espírito eterno em torno do qual todas as coisas se movem, bem como a estrela para a qual aponta o eixo da terra. Mistérios profundos acompanham ambos, e o véu do mistério só pode ser erguido pela Meditação, pela visão de olhos abertos do homem espiritual desperto.

29 A Meditação perfeitamente concentrada sobre o centro de força na parte inferior do tronco traz a compreensão da ordem dos poderes do corpo.

Chegamos a uma parte de importância vital do ensinamento do Ioga: a saber, a conquista, pelo homem espiritual, da plena consciência de si, o despertar do homem espiritual como indivíduo consciente de si, por trás e acima do homem natural. Nesse despertar, e no processo de gestação que o precede, há uma relação estreita com os poderes do homem natural, que são, em certo sentido, a projeção, para fora e para baixo, dos poderes do homem espiritual. Isso é verdade sobretudo quanto ao poder criador do homem espiritual que, quando encarnado no homem natural, se torna o poder de geração. Esse poder não é apenas a causa da continuação da raça corporal da humanidade; além disso, no indivíduo, é a chave do domínio da vida pessoal. Subindo, por assim dizer, pelos canais vitais do corpo, ele enche a personalidade de força física e mantém e colore a ilusão de que a vida física é a expressão dominante e mais importante da vida. No devido tempo, quando o homem espiritual começar a tomar forma, a força criadora será desviada e passará a atuar na construção do corpo do homem es-

piritual, assim como atuou na construção dos corpos físicos, pela geração no mundo natural.

A Meditação perfeitamente concentrada sobre a natureza dessa força significa, primeiro, aquela elevação da consciência ao mundo espiritual, já descrita, que dá o único apoio seguro para a Meditação; e depois, desse ponto de vista espiritual, não apenas uma compreensão da força criadora, em seus aspectos espiritual e físico, mas também um controle gradualmente conquistado dessa força maravilhosa, que significará dirigi-la ao corpo do homem espiritual e retirá-la aos poucos do corpo do homem natural, até que a pressão excessiva, tão comum e fonte tão fértil de miséria em nossos dias, diminua, e a pureza tome o lugar da paixão. Essa pressão excessiva, que é a causa de tantos males e de tanta vergonha humana, é uma condição anormal, não natural. Deve-se sobretudo à cegueira espiritual, à cegueira quanto ao homem espiritual e à ignorância até da sua existência; pois essa ignorância cega fecha os canais pelos quais, se estivessem abertos, a força criadora poderia fluir para o corpo do homem espiritual, construindo ali uma veste imortal. Não há cura para a cegueira, com a pressão excessiva que dela resulta e a miséria e a vergonha que a acompanham, senão a visão espiritual, a aspiração espiritual, o sacrifício, o novo nascimento do alto. Não há outro modo de aliviar o fardo, de tirar a miséria e a vergonha da vida humana. Por conseguinte, sigamos o sacrifício e a aspiração, busquemos a luz. Só assim obteremos aquela compreensão da ordem dos poderes do corpo, e aquele domínio sobre eles, que este Sutra supõe.

30 Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre o centro de força na cavidade da garganta vem a cessação da fome e da sede.

Continuamos o estudo dos poderes do corpo e dos centros de força em sua

relação com os poderes e as forças do homem espiritual. Já consideramos o poder dominante da vida física, o poder criador que assegura a continuação da vida física; e, além disso, o modo como, pela aspiração e pelo sacrifício, ele é aos poucos elevado e posto a trabalhar na construção do corpo do homem espiritual. Chegamos agora à força psíquica dominante, o poder que se manifesta na fala e em virtude do qual a voz pode levar tanto do magnetismo pessoal, dando ao orador uma língua de fogo, mágica em seu poder de despertar e dominar as emoções dos ouvintes. Esse poder emocional, essa força distintamente psíquica, é a causa da "fome e da sede", a fome e a sede psíquicas de sensações, que são a fonte da nossa vida emocional de dois lados, com as suas esperanças e medos, expectativas e lembranças, desejos e ódios. A fonte desse poder psíquico, ou talvez devêssemos dizer o seu centro de atividade no corpo físico, estaria na cavidade da garganta. Assim, na Taittiriya Upanishad está escrito: "Há este éter brilhante no ser interior. Nele está o homem espiritual, formado pelo pensamento, imortal, dourado. Para dentro, no palato, o órgão que pende como um mamilo — este é o ventre de Indra. E ali, onde se volta a risca do cabelo, estendendo-se para cima até o alto da cabeça."

Indra é o nome dado ao poder criador de que falamos e que, segundo nos dizem, reside "no órgão que pende como um mamilo, para dentro, no palato".

31 Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre o centro de força no canal chamado "em forma de tartaruga" vem a firmeza.

Tratamos agora do centro de força nervosa ou psíquica abaixo da cavidade da garganta, no peito, onde se sente a sensação do medo; o centro cuja perturbação faz o coração bater miseravelmente de pavor, ou que produz

aquela sensação de terror em que se diz que o coração para.
Quando a verdade sobre o medo é dominada por completo, pelo discernimento espiritual da vida imortal e sem medo, essa força fica perfeitamente controlada; não há mais medo, assim como, pelo controle do poder psíquico que atua pelo centro nervoso da garganta, vem a cessação da "fome e da sede". Daí em diante, essas forças, ou os seus protótipos espirituais, se voltam para a construção do homem espiritual.
É preciso sempre lembrar que a vitória é primeiro espiritual; só mais tarde traz o controle dos poderes do corpo.

32 Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre a luz na cabeça vem a visão dos Mestres que alcançaram.
A tradição diz que há certo centro de força na cabeça, talvez a "glândula pineal", que alguns dos nossos filósofos ocidentais supuseram ser a morada da alma; um centro que é, por assim dizer, a porta entre o homem natural e o espiritual. É a sede daquela consciência melhor e mais sábia por trás da consciência que olha para fora, na parte da frente da cabeça; aquela consciência melhor e mais sábia do "fundo da mente", que vê as coisas espirituais e procura imprimir a visão espiritual na consciência que olha para fora, na parte da frente da cabeça. É o homem espiritual procurando guiar o homem natural, procurando levá-lo a ocupar-se das coisas da sua imortalidade. Isso é sugerido nas palavras da Upanishad já citada: "Ali, onde se volta a risca do cabelo, estendendo-se para cima até o alto da cabeça"; tudo isso pode soar muito fantasioso, até que se chegue a compreendê-lo.
Diz-se que, quando esse poder está plenamente desperto, traz a visão dos grandes Companheiros do homem espiritual, os que já alcançaram, passando para a outra margem do mar da morte e do renascimento. Talvez seja

a essa visão divina que aludia o Mestre que, segundo se conta, disse: "Aconselho-te que compres de mim colírio, para que vejas." É dessa mesma visão dos grandes Companheiros, os filhos da luz, que um vidente escreveu: "Embora estejamos longe, terra adentro, nossas almas avistam aquele mar imortal que nos trouxe até aqui, podem num instante viajar até lá, e ver as Crianças brincando na praia e ouvir as poderosas águas rolando para sempre."

33 Ou, pelo poder adivinhador da intuição, ele conhece todas as coisas.
Este é na verdade o complemento, o lado espiritual, do Sutra que acabamos de traduzir. Passo a passo, à medida que a consciência melhor, a visão espiritual, ganha força no fundo da mente, na mesma medida o homem espiritual vai ganhando o poder de ver: aprendendo a abrir os olhos espirituais. Quando os olhos estão plenamente abertos, o homem espiritual vê os grandes Companheiros de pé à sua volta; começou a "conhecer todas as coisas". Esse poder adivinhador da intuição é o poder que está acima e por trás da chamada mente racional; a mente racional formula uma pergunta e a apresenta à intuição, que dá uma resposta real, muitas vezes logo distorcida pela mente racional, mas sempre contendo um núcleo de verdade. É por esse processo, em que a mente racional leva perguntas à intuição para que as resolva, que se chega às verdades da ciência, aos lampejos de descoberta e de gênio. Mas esse poder superior não precisa trabalhar subordinado à chamada mente racional; pode agir diretamente, como iluminação plena, "a visão e a faculdade divina".

34 Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre o coração, o ser interior, vem o conhecimento da consciência.
O coração aqui parece significar, como tantas vezes nas Upanishads, a natu-

reza interior, espiritual, a consciência do homem espiritual, que está relacionada com o coração e com a sabedoria do coração. Buscando com constância, e encontrando, a consciência do homem espiritual, chegando à consciência como homem espiritual, alcança-se um conhecimento perfeito da consciência. Pois a consciência do homem espiritual tem esta qualidade divina: sendo e permanecendo uma consciência verdadeiramente individual, ao mesmo tempo transborda, por assim dizer, e se funde com a Consciência Divina acima e em torno dela, a consciência dos grandes Companheiros; e, mostrando-se una com a Consciência Divina, revela a natureza de toda consciência, o segredo de que toda consciência é Una e Divina.

35 O eu pessoal procura banquetear-se com a vida por não perceber a distinção entre o eu pessoal e o homem espiritual. Toda experiência pessoal existe de fato em função de outro: a saber, o homem espiritual. Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre a experiência em função do Eu vem o conhecimento do homem espiritual.

O raio divino do Eu Superior, que é eterno, impessoal e abstrato, desce à vida e forma uma personalidade que, pelo esforço e pela tempestade da vida, é forjada numa individualidade definida, concreta e consciente de si. O problema é fundir esses dois poderes, tomando o ser eterno e espiritual do primeiro e fundindo com ele, transferindo para ele, a individualidade consciente de si do segundo; e assim dar vida a um terceiro ser, o homem espiritual, que é herdeiro da imortalidade de seu pai, o Eu Superior, e tem ao mesmo tempo a individualidade concreta e consciente de si de seu outro progenitor, o eu pessoal. Essa é a verdadeira concepção imaculada, o novo nascimento do alto, "concebido pelo Espírito Santo". Desse novo nascimento está dito: "o que nasce do Espírito é espírito: é necessário nascer de

novo."

Corretamente entendida, portanto, toda a vida do homem pessoal é para outro, não para si mesmo. Ele existe só para entregar a sua própria vida e toda a sua experiência à construção do homem espiritual. Só por não ver isso ele busca prazer para si, procura garantir para si os banquetes da vida; não compreendendo que deve viver para o outro, viver em sacrifício, oferecendo tanto os banquetes quanto o seu próprio ser no altar; dando-se como contribuição para a construção do homem espiritual. Quando compreende isso e vive para o Eu Superior, pondo o coração e o pensamento no Eu Superior, então o seu sacrifício dá fruto divino, o homem espiritual é construído, a consciência desperta nele e ele passa a existir plenamente como individualidade divina e imortal.

36 Daí nascem o poder divino da intuição e a audição, o tato, a visão, o paladar e o olfato do homem espiritual.

Quando, em virtude do sacrifício perpétuo do homem pessoal, que dia a dia e hora a hora dá a sua vida pelo seu irmão divino, o homem espiritual, e pelo brilho que jorra sem cessar do Eu Superior, eterno nos Céus, o homem espiritual vem a nascer, despertam nele aqueles poderes cujas contrapartes físicas conhecemos no homem pessoal. O homem espiritual começa a ver, a ouvir, a tocar, a provar. E, além dos sentidos do homem espiritual, desperta a sua mente, aquela contraparte divina da mente do homem físico, o poder do conhecimento direto e imediato, o poder da intuição espiritual, da adivinhação. Esse poder, como vimos, deve a sua virtude à unidade, à continuidade da consciência, pela qual tudo o que é conhecido por uma consciência pode ser conhecido por qualquer outra. Assim, a consciência do homem espiritual, que vive acima das nossas estreitas barreiras de separação,

está em contato íntimo com a consciência dos grandes Companheiros e pode recorrer a esse vasto reservatório para todas as necessidades reais. Assim surge no homem espiritual aquele conhecimento seguro que se chama intuição, adivinhação, iluminação.

37 Esses poderes se distinguem da mais alta visão espiritual. Em sua manifestação, chamam-se poderes mágicos.
O homem divino está destinado a suceder ao homem espiritual, como o homem espiritual sucede ao homem natural. Então o discípulo se torna um Mestre. Os poderes abertos do homem espiritual, a visão, a audição e o tato espirituais, distinguem-se, portanto, do poder divino mais alto acima deles e de modo algum devem ser considerados o fim do caminho, pois o caminho não tem fim, mas sobe sempre a glórias cada vez mais altas; o crescimento e o esplendor da alma não têm limite. De modo que, se os poderes espirituais que estivemos considerando forem vistos como finais em algum sentido, são um obstáculo, uma barreira aos poderes muito mais altos do homem divino. Mas, vistos de baixo, do ponto de vista da experiência física comum, são poderes verdadeiramente mágicos; assim como os poderes naturais de um ser de quatro dimensões pareceriam mágicos a um ser de três dimensões.

38 Pelo enfraquecimento das causas da escravidão e aprendendo o método da passagem, a consciência é transferida para o outro corpo.
No devido tempo, depois que o homem espiritual se formou e se firmou pelas forças e virtudes já enumeradas, e depois que os sentidos do homem espiritual despertaram, vem a transferência da consciência dominante, do sentimento de individualidade, do homem físico para o espiritual. Daí em diante, o homem físico é sentido como secundário, subordinado, um ins-

trumento pelo qual o homem espiritual trabalha; e o homem espiritual é sentido como a individualidade real. Isso é, em certo sentido, a conquista da salvação plena e da vida imortal; mas não é a meta final nem o lugar de repouso, e sim apenas o começo do caminho maior.

Os meios para essa transferência são descritos como o enfraquecimento das causas da escravidão e a compreensão do método de passar de uma consciência para a outra. O primeiro também pode ser descrito como desapego e vem da vitória sobre a ilusão de que o eu pessoal é o homem real. Quando essa ilusão diminui e é mantida sob controle, a consciência mais fina do homem espiritual começa a brilhar no fundo da mente. A transferência do sentimento de individualidade para essa consciência mais fina, e assim para o homem espiritual, torna-se então uma questão de recolhimento, de atenção; antes de tudo, uma questão de ter mais interesse pela vida e pelos atos do homem espiritual do que pelos prazeres ou ocupações da personalidade. Por isso está dito: "Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os consomem, e onde os ladrões arrombam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os consomem, e onde os ladrões não arrombam nem roubam; porque onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração."

39 Pelo domínio da vida ascendente vem a liberdade dos perigos da água, do pântano e dos lugares espinhosos, e obtém-se o poder de ascensão.

Eis uma das frases tão características deste autor e, na verdade, do espírito oriental, em que há um sentido exterior óbvio e, dentro dele, um sentido interior claro, não tão óbvio, mas muito mais vital.

O sentido superficial é que, pelo domínio de certo poder, chamado aqui vida ascendente e semelhante à levitação, vem a capacidade de andar sobre

a água ou de passar por lugares espinhosos sem ferir os pés.

Mas há um sentido mais profundo. Quando falamos do caminho do discípulo como um caminho de espinhos, usamos um símbolo; e o mesmo símbolo é usado aqui. A vida ascendente significa algo mais do que o poder, muitas vezes manifestado em experiências psíquicas anormais, de fazer levitar o corpo físico ou objetos físicos próximos. Significa o forte poder da aspiração, da vontade voltada para o alto, que primeiro constrói e depois desperta o homem espiritual e por fim transfere para ele a individualidade consciente; pois é ele quem passa em segurança sobre as águas da morte e do renascimento e não é ferido pelos espinhos do caminho. Por isso se diz que quem quer trilhar o caminho do poder deve buscar um lar no ar e, depois, no éter.

Da vida ascendente, isto está escrito na Katha Upanishad: "Cento e um são os canais do coração; destes, um passa ao alto da cabeça. Subindo por ele, chega-se ao imortal." Esse é o poder de ascensão de que fala o Sutra.

40 Pelo domínio da vida que une vem o resplendor.

Nas Upanishads diz-se que essa vida que une liga a vida ascendente à vida descendente, e essas vidas têm as suas analogias nos "sopros vitais" do corpo. O pensamento do texto parece ser que, quando a personalidade é posta completamente sob o controle do homem espiritual, pelas correntes vitais que os ligam, a personalidade é dotada de uma força nova, um forte magnetismo pessoal, poder-se-ia dizer, como muitas vezes acompanha o gênio.

Mas o texto parece querer dizer mais do que isso e ter em vista a "veste da cor do sol" que as Upanishads atribuem ao homem espiritual; aquela veste que um discípulo descreveu assim: "O Senhor transformará o nosso corpo

vil, para que seja semelhante ao seu corpo glorioso"; talvez "corpo de resplendor" traduzisse melhor o grego.

Em ambas as passagens, o ensinamento parece ser que o corpo do homem espiritual plenamente formado é radiante ou luminoso — ao menos para os que ungiram os olhos com colírio, de modo que veem.

41 Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre a correlação entre a audição e o éter vem o poder da audição espiritual.

O som físico, dizem-nos, é transmitido pelo ar, ou pela água, pelo ferro ou por algum meio no mesmo plano de substância. Mas há uma audição mais fina, cujo meio de transmissão parece ser o éter; talvez não aquele éter que transmite a luz, o calor e as ondas magnéticas, mas, quem sabe, o éter muito mais fino pelo qual atua a força da gravidade. Pois, enquanto a luz, o calor ou as ondas magnéticas, viajando do sol à terra, levam oito minutos na viagem, é matematicamente certo que a atração da gravidade não leva nem oito segundos, nem sequer a oitava parte de um segundo. A atração da gravidade viaja, ao que parece, "tão depressa quanto o pensamento"; de modo que bem pode ser que, na transmissão de pensamento ou telepatia, os pensamentos viajem pelo mesmo caminho, levados pelo mesmo meio "rápido como o pensamento".

A transmissão de uma palavra por telepatia é a forma mais simples e mais antiga da "audição divina" do homem espiritual; à medida que esse poder cresce e que, pela Meditação perfeitamente concentrada, o homem espiritual o domina mais inteiramente, ele se torna capaz de ouvir e distinguir com clareza a fala dos grandes Companheiros, que o aconselham e confortam em seu caminho. Eles podem falar-lhe em pensamentos sem palavras ou em palavras e frases perfeitamente definidas.

42 Pela Meditação perfeitamente concentrada sobre a correlação entre o corpo e o éter, e pensando nele como leve como a penugem do cardo, vem o poder de atravessar o éter.

Já foi dito que quem quer trilhar o caminho do poder deve buscar um lar no ar e, depois, no éter. Isso parece significar, além da constante recomendação de desapego, que ele deve estar preparado para habitar primeiro um corpo psíquico e depois um corpo etérico; o primeiro sendo o corpo dos sonhos; o segundo, o corpo do homem espiritual, quando ele desperta do outro lado da terra dos sonhos. O acostumar gradual da consciência à sua nova veste etérica, a sua aclimatação gradual, por assim dizer, no corpo etérico do homem espiritual, é o que o nosso texto parece ter em vista.

43 Quando se alcança aquela condição de consciência que vai longe e não se limita ao corpo, que está fora do corpo e não é condicionada por ele, então se desgasta o véu que oculta a luz.

Talvez o melhor comentário a isto sejam as palavras de Paulo: "Conheço um homem em Cristo que há catorze anos (se no corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao terceiro céu. E sei que esse homem (se no corpo, ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis [ou: não ditas], que ao homem não é lícito pronunciar."

A condição é, em resumo, a do homem espiritual desperto, que vê e ouve além do véu.

44 O domínio dos elementos vem da Meditação perfeitamente concentrada sobre as suas cinco formas: a grosseira, a elementar, a sutil, a inerente e a que tem propósito.

Essas cinco formas são análogas às que a física moderna reconhece: sólida,

líquida, gasosa, radiante e iônica. Quando a visão penetrante do homem espiritual desperto se dirige às formas da matéria a partir de dentro, por assim dizer, de trás dos bastidores, alcança-se o domínio perfeito sobre os "pobres elementos". Isso talvez equivalha à recomendação: "Indaga da terra, do ar e da água os segredos que guardam para ti. O desenvolvimento dos teus sentidos interiores te permitirá fazê-lo."

45 Daí virá a manifestação do poder atômico e dos outros poderes, que são o dote do corpo, juntamente com a sua força inatacável.

O corpo em questão é, naturalmente, o corpo etérico do homem espiritual. Diz-se que ele possui oito poderes: o atômico, o poder de se assimilar à natureza do átomo, que talvez envolva o poder de desintegrar as formas materiais; o poder da levitação; o poder da extensão ilimitada; o poder do alcance sem limites, de modo que, como diz o comentador, "ele pode tocar a lua com a ponta do dedo"; o poder de realizar a sua vontade; o poder da gravitação, o correlato da levitação; o poder de comando; o poder da vontade criadora. Esses são os dotes do homem espiritual. Além disso, o corpo espiritual é inatacável. O fogo não o queima, a água não o molha, a espada não o fende, os ventos secos não o ressecam. E diz-se que o homem espiritual pode comunicar algo dessa qualidade e dessa têmpera à sua veste corporal.

46 Boa forma, beleza, força, a têmpera do diamante: esses são os dotes desse corpo.

O homem espiritual é bem formado, belo, forte, firme como o diamante. Por isso está escrito: "Isto diz o Filho de Deus, que tem os olhos como

chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido: Ao que vencer e guardar as minhas obras até o fim, eu lhe darei poder sobre as nações, e com vara de ferro as regerá; e dar-lhe-ei a estrela da manhã."

47 O domínio sobre os poderes de percepção e de ação vem da Meditação perfeitamente concentrada sobre as suas cinco formas; a saber, o seu poder de apreender, a sua natureza distintiva, o elemento de consciência de si que há neles, a sua inerência e o seu propósito.

Tome-se, por exemplo, a visão. Ela possui, primeiro, o poder de apreender, captar, perceber; em segundo lugar, tem a sua forma distintiva de percepção, isto é, a percepção visual; em terceiro lugar, sempre traz consigo, em suas operações, a consciência de si, o pensamento: "Eu percebo"; em quarto lugar, a visão tem o poder de se estender por todo o campo visual, até a estrela mais distante; em quinto lugar, é usada para os propósitos do Vidente. O mesmo com os outros sentidos. A Meditação perfeitamente concentrada sobre cada sentido, olhando-o de trás e de dentro, como é possível ao homem espiritual, traz o domínio do alcance e do verdadeiro caráter de cada sentido e do mundo sobre o qual eles, juntos, informam.

48 Daí vem o poder rápido como o pensamento, independente de instrumentos, e o domínio sobre a matéria.

Continuamos a enumerar os dotes do homem espiritual. Entre eles está o poder de atravessar o espaço com a rapidez do pensamento, de modo que, em qualquer lugar em que o homem espiritual pense, para lá ele vai, nesse lugar ele já está. O pensamento tornou-se agora o seu meio de locomoção. Ele é, portanto, independente de instrumentos e pode aplicar a sua força diretamente, onde quiser.

49 Quando o homem espiritual está perfeitamente desembaraçado do corpo psíquico, alcança o domínio sobre todas as coisas e o conhecimento de tudo.

O homem espiritual está enredado na teia das emoções — desejo, medo, ambição, paixão — e estorvado pelas formas mentais da separação e do materialismo. Quando essas malhas se rompem e esses obstáculos são inteiramente vencidos, então o homem espiritual se ergue em seu próprio mundo vasto, forte, poderoso, sábio. Usa poderes divinos, com alcance e energia divinos, trabalhando junto com Companheiros divinos. A um tal se diz: "Agora és um discípulo, capaz de ficar de pé, capaz de ouvir, capaz de ver, capaz de falar; venceste o desejo e alcançaste o conhecimento de ti mesmo; viste a tua alma em flor e a reconheceste, e ouviste a voz do silêncio."

50 Pela ausência de toda complacência consigo mesmo, neste ponto, quando as sementes da escravidão ao sofrimento são destruídas, alcança-se o ser espiritual puro.

A busca de satisfação para o eu pessoal, seja pela paixão, seja pela ambição, semeia a semente do sofrimento futuro. Pois essa complacência da personalidade consigo mesma é um pecado duplo contra o real; um pecado contra a limpeza da vida e um pecado contra o ser universal, que não permite nenhum bem particular exclusivo, já que, no real, todos os bens espirituais são possuídos em comum. Esse pecado duplo traz o seu castigo de reação, a sua escravidão que aprisiona ao sofrimento. Mas cessar a complacência consigo mesmo traz pureza, libertação, vida espiritual.

51 Deve haver completa vitória sobre a sedução ou o orgulho diante dos convites dos diferentes reinos da vida, para que não surja mais uma vez o apego às coisas más.

O comentador nos diz que os discípulos, os que buscam a união, são de quatro graus: primeiro, os que estão entrando no caminho; segundo, os que estão no reino das seduções; terceiro, os que conquistaram a vitória sobre a matéria e os sentidos; quarto, os que se mantêm firmes na vida espiritual pura. É principalmente ao segundo que se dirige a advertência do texto. Mestres mais modernos exprimiriam a mesma verdade advertindo contra as ilusões e os fascínios do reino psíquico, que se abrem em torno do discípulo quando ele irrompe nos mundos invisíveis. Esses são os perigos da antessala. A segurança está em passar depressa para a câmara interior. "Ao que vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca mais sairá."

52 Da Meditação perfeitamente concentrada sobre as divisões do tempo e a sua sucessão vem aquela sabedoria que nasce do discernimento.
As Upanishads dizem do libertado que "ele foi além da tríade do tempo"; já não vê a vida projetada em passado, presente e futuro, pois estes são formas da mente; mas contempla todas as coisas estendidas na luz serena do Eterno. Esse parece ser o mesmo pensamento e apontar para aquela percepção espiritual de olhos claros que está acima do tempo; aquela sabedoria nascida do desvelamento da ilusão do Tempo. Então o discípulo viverá não no presente nem no futuro, mas no Eterno.

53 Daí vem o discernimento entre coisas de natureza semelhante, que não se distinguem por diferença de espécie, de caráter ou de posição.
Aqui, como também no Sutra anterior, estamos perto da doutrina de que as distinções de ordem, tempo e espaço são criações da mente; o prisma tríplice através do qual o objeto real nos aparece deformado e refratado.

Quando o prisma é retirado, o objeto volta à sua unidade primordial, já não distinguível pela mente, mas claramente cognoscível por aquele alto poder de discernimento espiritual, de iluminação, que está acima da mente.

54 A sabedoria que nasce do discernimento é como uma estrela; discerne todas as coisas e todas as condições das coisas; discerne sem sucessão: simultaneamente.

Essa sabedoria, esse poder intuitivo e adivinhador, é como uma estrela, diz o comentador, porque brilha com luz própria, porque se ergue nas alturas e ilumina todas as coisas. Nada lhe é oculto, sejam coisas passadas, presentes ou futuras; pois está além da forma tríplice do tempo, de modo que todas as coisas se estendem juntas diante dela, na luz única do divino. Esse poder foi belamente descrito por Columba: "Há alguns, embora muito poucos, a quem a graça Divina concedeu isto: que possam ver clara e distintissimamente, num só e mesmo momento, como sob um único raio do sol, até o circuito inteiro do mundo todo, com o seu entorno de oceano e céu, sendo a parte mais íntima da sua mente maravilhosamente ampliada."

55 Quando a veste e o homem espiritual são igualmente puros, alcança-se a vida espiritual perfeita.

A veste, diz o comentador, deve primeiro ser lavada de todas as manchas de paixão e de trevas, e as sementes do sofrimento futuro devem ser queimadas por completo. Então, sendo igualmente puros a veste e quem a veste, o homem espiritual entra na vida espiritual perfeita.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

INTRODUÇÃO AO LIVRO IV

✦

1 O terceiro livro dos Sutras completou em boa medida a história do nascimento e do crescimento do homem espiritual e a enumeração de seus poderes; ao menos no que diz respeito àquela primeira época de sua vida imortal, que sucede imediatamente à vida do homem natural e a substitui.

2 No quarto livro, vamos considerar o que se poderia chamar de mecanismo da salvação, o funcionamento idealmente simples da lei cósmica que leva o homem espiritual ao nascimento, ao crescimento e à plenitude de poder, e o prepara para as esplêndidas e trabalhosas etapas seguintes de sua grande jornada de volta ao lar.

3 Aqui, os Sutras são breves a ponto de se tornarem obscuros; apenas algumas palavras, por exemplo, são dedicadas ao grande mistério e ilusão trinos do Tempo; uma ou duas frases indicam o alcance de alguma lei universal. Ainda assim, espera-se que, mantendo os olhos fixos no homem espiritual, lembrando que ele é o herói da história e que tudo o que está escrito diz respeito a ele e às suas aventuras, possamos encontrar nosso caminho por esse emaranhado de palavras e conservar nas mãos o fio que conduz à solução do mistério.

4 A última parte do último livro precisa de pouca introdução. Em certo sentido, é a parte mais importante de todo o tratado, pois desmascara a natureza da personalidade, aquela "mente" psíquica que é a inimiga vigilante

de todos os que procuram trilhar o caminho. Mesmo agora, podemos ouvi-la sussurrar a dúvida sobre se pode ser bom um caminho que assim desafia a “mente”.

5 Se esta, então, é a parte mais vital e fundamental do ensinamento, não deveria estar logo no início? À primeira vista, pode parecer que sim; mas, se estivesse ali, não a teríamos compreendido. Pois aquele que deseja conhecer a doutrina deve viver essa vida, fazendo a vontade de seu Pai que está no Céu.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO IV — A LIBERTAÇÃO

✦

1 Os poderes psíquicos e espirituais podem ser inatos, ou podem ser obtidos pelo uso de drogas, por encantamentos, pelo fervor ou pela Meditação.
Os poderes espirituais foram enumerados e descritos nas seções anteriores. São os poderes normais do homem espiritual, o protótipo, a edição divina, dos poderes do homem natural. Por meio desses poderes, o homem espiritual se ergue, vê, ouve e fala no mundo espiritual, assim como o homem físico se ergue, vê, ouve e fala no mundo natural.
Há uma imitação falsa do homem espiritual no mundo dos sonhos, um senhor de sombras feito de sombra, que tem seus próprios poderes sonhadores de visão, de audição, de movimento; ele deixou o natural sem alcançar o espiritual. Partiu da margem, mas não chegou à outra margem do rio. É levado pela correnteza, sem apoio em nenhuma das margens. Deixando o que é concreto, ficou aquém do real, preso no limbo das vaidades e das ilusões. A causa dessa fantasia desviada é sempre o culto de um eu falso e vão, o senhor dos sonhos, dentro do próprio peito. Esse é o homem psíquico, senhor de poderes psíquicos enganosos e desnorteantes.
Os poderes espirituais, como os dons intelectuais ou artísticos, podem ser inatos: fruto, isto é, de sementes plantadas e cultivadas com esforço numa vida anterior. Assim também os poderes do homem psíquico podem ser inatos, uma colheita enganosa de sementes de ilusão.
Os poderes psíquicos podem ser obtidos por drogas, como a pobreza, a vergonha e a degradação podem ser obtidas pelas mesmas drogas. Em sua ação, são nocivos, separando o homem da consciência do poder moderador

de sua natureza divina, de modo que suas forças irrompem desenfreadas, como o riso dos bêbados, e ele vê e ouve coisas ilusórias. Enquanto afunda, crê que se elevou; ao enfraquecer, julga-se cheio de força; vendo ilusões, toma-as por verdadeiras. Tais são os poderes obtidos por drogas; são completamente psíquicos, pois os poderes reais, os espirituais, jamais podem ser obtidos assim.

Os encantamentos são afirmações de meias-verdades sobre o espírito e a matéria, sobre o que é e o que não é, que agem sobre a mente e aos poucos constroem um fantasma de poderes e um bem-estar ilusório. Também esses pertencem ao reino psíquico dos sonhos.

Por último, há os verdadeiros poderes do homem espiritual, construídos e realizados na Meditação, pela obediência reverente à lei espiritual, às condições puras do ser, no reino divino.

2 A passagem dos poderes de uma morada para outra se dá pelo fluxo das forças criadoras naturais.

Aqui, se pudermos percebê-lo, está todo o segredo do nascimento, do crescimento e da vida espirituais. O ser espiritual, como todo ser, é apenas uma expressão do Eu, do poder e do ser inerentes ao Atma. Inerentes ao Eu são a consciência e a vontade, que têm, como sua herança senhorial, toda a amplidão do universo por toda a eternidade, pois o Eu é uno com o Eterno. E a consciência do Eu pode manifestar-se como visão, audição, paladar, tato ou quaisquer poderes de percepção que existam, assim como a luz branca do sol pode dividir-se em raios de muitas cores. Assim também a vontade do Eu pode manifestar-se na fala, ou no manejo, ou no movimento, e em todos os poderes de ação que existem nos sete mundos. Onde está o Eu, ali estarão os seus poderes. É apenas uma questão da veste através da qual esses po-

deres vão brilhar. E onde quer que se fixem a consciência e o desejo do Eu sempre criador, ali se construirá uma veste; onde está o coração, ali estará também o tesouro.

Como, ao longo das eras, o desejo do Eu se voltou para o mundo natural, no qual o Eu procurou espelhar-se para conhecer a si mesmo, surgiu uma veste de elementos naturais, por meio da qual floresceram os poderes de percepção e de vontade do Eu: o poder de ver, de ouvir, de falar, de andar, de manejar; e quando o Eu, tendo assim chegado à consciência de si e, com ela, ao conhecimento de seu aprisionamento, puser seu desejo no mundo divino e real e elevar até lá a sua consciência, a veste espiritual será construída para ele ali, com a expressão de seus poderes inerentes. Nem será difícil para o Eu a migração para lá, pois o divino não é para ele uma terra estranha ou estrangeira, mas a casa do seu lar, onde ele habita desde sempre.

3 A causa aparente e imediata não é a verdadeira causa das forças criadoras da natureza; mas, como o lavrador em seu campo, ela remove os obstáculos. O lavrador cultiva o seu campo, desfazendo os torrões de terra em terra fina, penetrável pelo ar e pela chuva; semeia a sua semente, cobrindo-a com cuidado, por causa dos pássaros e do vento; rega a terra semeada, desviando os pequenos regos do tanque de irrigação ora para cá, ora para lá, tirando os obstáculos dos canais, até que o fluxo uniforme da água dê vida a todo o campo. E assim as plantas germinam e crescem, primeiro a folha, depois a espiga, depois o grão cheio na espiga. Mas não é o lavrador quem as faz crescer. É, primeiro, o poder plástico milagroso do grão de semente, que produz segundo a sua espécie; depois, a alquimia da luz do sol, que, na presença da matéria verde que colore as folhas, recolhe o hidrogênio da água e o carbono dos gases do ar e os mistura nos hidrocarbonetos do crescimento

da planta; e, por fim, os poderes vitais inteiramente ocultos da própria planta, acumulados ao longo das eras e descendo das fontes primordiais da vida. O lavrador apenas remove os obstáculos. Ele planta e rega, mas é Deus quem dá o crescimento.

Assim acontece com o lavrador mais sutil de campos mais divinos. Ele cultiva e semeia, mas o crescimento do homem espiritual vem do impulso e do fluxo de forças e poderes divinos e criadores. Aqui, mais uma vez, é Deus quem dá o crescimento. O Eu divino estende, para a manifestação dos seus poderes, uma veste nova e mais sutil, o corpo do homem espiritual.

4 As vestes da consciência são construídas de acordo com a posição do sentimento de individualidade.

O Eu, diz um grande Mestre, prende-se sucessivamente a três vestes: primeiro, ao corpo físico; depois, ao corpo sutil; e em terceiro lugar, ao corpo causal. Por fim, ele se mostra radiante, luminoso, alegre, como o Eu.

Quando o Eu se atribui ao corpo físico, surgem os estados da consciência corporal, construídos em torno do eu físico.

Quando o Eu, rompendo essa primeira ilusão, começa a ver-se e a sentir-se no corpo sutil, a encontrar ali a sua individualidade, então os estados de consciência do corpo sutil passam a existir; ou, para falar com exatidão, o corpo sutil e os seus estados de consciência surgem e crescem juntos.

Mas o Eu não deve habitar ali para sempre. Precisa aprender a encontrar-se no corpo causal, a construir os amplos e luminosos campos de consciência que pertencem a ele.

Nem deve habitar ali eternamente, pois resta o quarto estado, o divino, com o seu próprio esplendor e a sua eternidade.

Tudo é uma questão dos estados de consciência; tudo é uma questão de elevar o sentimento de individualidade, até que ele habite para sempre no Eterno.

5 Nos diferentes campos de manifestação, a Consciência, embora una, é a causa eficiente de muitos estados de consciência.

Aqui está o esplêndido ensinamento da unidade que se encontra no coração da sabedoria oriental. A Consciência é, em última instância, Una, em toda parte e para sempre. O Eterno, o Pai, é o Eu Único de Todos os Seres. E assim, em cada indivíduo, que é apenas uma face desse Eu, a Consciência é Una. Quer irrompa como o fogo baço da vida física, ou como a chama turva do psíquico e passional, ou como o brilho do homem espiritual, ou como a glória plena do Divino, é sempre a Luz, nada além da Luz. A Consciência única é a causa eficiente de todos os estados de consciência, em todos os planos.

6 Entre os estados de consciência, aquele que nasce da Contemplação está livre da semente do sofrimento futuro.

Quando a consciência irrompe no corpo físico e começa o pleno jogo da vida corporal, o seu avanço traz consigo limitações inevitáveis. O nascimento implica a morte. Os encontros têm as suas despedidas. A fome alterna com a saciedade. A velhice segue nos calcanhares da juventude. Assim correm os estados de consciência pelo círculo do nascimento e da morte.

No psíquico, a alternância entre prêmio e castigo é mais rápida. A esperança tem a sua sombra de medo, ou não é esperança. O amor exclusivo é torturado pelo ciúme. O prazer passa pela apatia até chegar à dor. O fim da dor traz de volta o prazer. Assim, também aqui, os estados de consciência

percorrem o seu círculo. Em todos os estados psíquicos há egoísmo, que, na verdade, é a própria essência do psíquico; e onde há egoísmo há sempre a semente do sofrimento futuro. O desejo traz a escravidão no ventre.
Mas onde começa a consciência espiritual pura, livre do eu e da mancha, cessa a antiga lei da retribuição; a pena do sofrimento caduca e não é mais imposta. A alma já não passa de sofrimento em sofrimento, mas de glória em glória. Seu crescimento e seu esplendor não têm limite. O bom passa ao melhor, ao ótimo.

7 As obras dos que seguem a União não levam nem ao prazer luminoso nem à dor sombria. As obras dos outros levam ao prazer ou à dor, ou a uma mistura de ambos.
O homem do desejo obtém de suas obras a recompensa do prazer, ou incorre na pena da dor; ou, como tantas vezes acontece na vida, a sua paga, como o humor apaixonado do amante, é parte prazer e parte dor. As obras feitas em busca de si mesmo trazem dentro de si as sementes do sofrimento futuro; ao contrário, segundo o provérbio, a dor presente é ganho futuro.
Mas, para aquele que foi além do desejo, cujo desejo está posto no Eterno, nem a dor a evitar nem o prazer a obter inspiram a sua obra. Ele não teme o inferno nem deseja o céu. Seu único desejo é conhecer a vontade do Pai e realizar a Sua obra. Põe-se diretamente na linha da Vontade divina e trabalha com limpeza e de imediato, sem anseio nem medo. Seu coração habita no Eterno; todos os seus desejos estão postos no Eterno.

8 Da força inerente às obras vem a manifestação das imagens mentais dinâmicas que correspondem ao amadurecimento de cada uma dessas obras.
Vamos agora considerar o mecanismo geral do Carma, para podermos passar à consideração daquele que está livre do Carma. O Carma, de fato, diz

respeito ao homem pessoal, à sua escravidão ou à sua liberdade. É a sucessão das forças que construíram o homem pessoal, reproduzindo-se de uma personalidade para a seguinte.

Tomemos agora um caso imaginário, para ver como essas forças podem atuar. Pensemos num homem que, com intenção assassina no coração, golpeia o seu inimigo com um punhal. Ele abre uma ferida vermelha no peito da vítima; no mesmo instante pinta, em sua própria mente, um retrato dessa ferida: um retrato dinâmico, carregado de toda a feroz força de vontade que pôs em seu golpe assassino. Em outras palavras, abriu uma ferida profunda em seu próprio corpo psíquico; e, quando nascer de novo, esse corpo será a sua veste mais externa, sobre a qual, com a ferida ainda ali, o tecido corporal será construído. Assim o homem nascerá mutilado, ou com predisposição a algum ferimento mortal; está desprotegido naquele ponto, e qualquer golpe acidental insignificante atravessará as juntas partidas de sua armadura psíquica. É assim que as imagens mentais dinâmicas se manifestam, vindo à tona, para que as obras feitas no passado amadureçam e deem fruto.

[9] Obras separadas por natureza, lugar ou tempo diferentes são reunidas pela correspondência entre a memória e a impressão dinâmica.

Assim como, no amadurecimento das imagens mentais em condições corporais, o efeito é produzido pelo raio de força criadora enviado pelo Eu, mais ou menos como a luz da lanterna mágica projeta os detalhes de uma imagem na tela, revelando o oculto e tornando palpáveis e visíveis as coisas secretas, assim também esse raio divino exerce um poder seletivo sobre as imagens mentais dinâmicas, reunindo num único dia de vida as sementes colhidas em muitos dias. A memória dá constantemente exemplo desse po-

der; um trecho de poesia evoca na mente trechos semelhantes de muitos poetas, lidos em tempos diferentes. Assim uma prece pode evocar muitas preces.

Do mesmo modo, o mesmo poder seletivo e soberano, que é um raio do Eu Superior, reúne de diferentes nascimentos, tempos e lugares aquelas imagens mentais que se correspondem e podem ser agrupadas na moldura de uma única vida ou de um único acontecimento. Por esse agrupamento, produzem-se condições corporais visíveis ou circunstâncias exteriores, e por elas a alma é ensinada e educada.

Assim como as imagens mentais dinâmicas do desejo amadurecem em condições e circunstâncias corporais, os poderes muito mais dinâmicos da aspiração, nos quais a alma se estende para o Eterno, dão seu fruto num mundo mais sutil, construindo a veste do homem espiritual.

10 A série das imagens mentais dinâmicas não tem começo, porque o Desejo é eterno.

A série inteira das imagens mentais dinâmicas, que compõem toda a história do homem pessoal, é parte do mecanismo que o Eu emprega para espelhar-se num reflexo, para encarnar seus poderes numa forma exterior, com o fim de exprimir-se, realizar-se e conhecer-se. Por isso, o impulso inicial por trás dessas imagens mentais dinâmicas vem do Eu e é o raio descendente do Eu; de modo que não se pode dizer que haja um primeiro membro da série de imagens, do qual o resto teria surgido. O impulso não tem começo, pois vem do Eu, que existe desde sempre. O desejo não deve cessar; deve voltar-se para o Eterno e assim tornar-se aspiração.

11 Como as imagens mentais dinâmicas se mantêm unidas pelos impulsos do desejo, pela vontade de recompensa pessoal, pelo substrato do hábito mental e pelo apoio das coisas exteriores desejadas, quando estes cessam, cessa a autorreprodução das imagens mentais dinâmicas.

Ainda estamos tratando da vida pessoal em sua veste corporal e do processo pelo qual as forças que a sustentaram são pouco a pouco transferidas para a vida do homem espiritual, construindo para ele a sua veste mais sutil num mundo mais sutil.

Como mudar a corrente? Como deter o fluxo das imagens mentais que se reproduzem a si mesmas e que construíram as condições de vida após vida neste mundo de escravidão, para que o tempo da prisão chegue ao fim e amanheça o dia da libertação?

A resposta é dada no Sutra que acabamos de traduzir. A força motriz é retirada e dirigida para a construção do corpo espiritual.

Quando os impulsos e as forças construtoras são retirados, a tendência a manifestar um novo corpo psíquico, um novo corpo de escravidão, cessa com eles.

12 A diferença entre o que é passado e o que ainda não veio, segundo as suas naturezas, depende da diferença de fase de suas propriedades.

Chegamos aqui a uma questão elevada e difícil, que sempre foi considerada de grande importância na sabedoria oriental: a ideia de que a divisão do tempo em passado, presente e futuro é, em grande medida, uma ilusão; de que passado, presente e futuro habitam todos juntos no eterno Agora.

O discernimento dessa verdade foi considerado parte tão necessária da sabedoria que um dos nomes do Iluminado é: “aquele que foi além dos três tempos: passado, presente, futuro.”

Assim disse o Mestre do Ocidente: "Antes que Abraão existisse, Eu Sou"; e ainda: "Eu estou convosco todos os dias, até o fim do mundo"; usando o presente eterno tanto para o passado quanto para o futuro. Com o mesmo propósito, o Mestre fala de si mesmo como "o alfa e o ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o último."

E um Mestre dos nossos dias escreve: "Chego a ficar irritado por ter de usar estas três palavras desajeitadas — passado, presente e futuro. Conceitos miseráveis das fases objetivas do todo subjetivo, servem tão mal ao propósito quanto um machado para um entalhe delicado."

No eterno Agora, tanto o passado quanto o futuro se consumam.

Bjorklund, o filósofo sueco, exprimiu bem a mesma verdade:

"Nem o passado nem o futuro podem existir para Deus; Ele vive sem divisão, sem limitações, e não precisa, como o homem, repartir a sua existência numa série de momentos. A eternidade, portanto, não é idêntica ao tempo sem fim; é uma forma diferente de existência, relacionada com o tempo como o perfeito com o imperfeito ... O homem, como entidade para si mesmo, precisa ter as limitações naturais da parte. Concebido por Deus, o homem é eterno no sentido divino; mas, concebido por si mesmo, a vida eterna do homem se reveste das limitações que chamamos tempo. O eterno é um presente constante, sem começo nem fim, sem passado nem futuro."

13 Essas propriedades, manifestas ou latentes, são da natureza das Três Potências.

As Três Potências são as três modificações manifestas da matéria primordial única, que se opõe à consciência que percebe. Essas Três Potências chamam-se Substância, Força e Trevas; ou, vistas antes pelo seu colorido moral, Bondade, Paixão e Inércia. Toda manifestação material é uma projeção da

substância no espaço vazio das trevas. Todo estado mental é bom, ou passional, ou inerte. Assim, subjetivas ou objetivas, latentes ou manifestas, todas as coisas que se apresentam à consciência que percebe são compostas dessas três. Essa é uma doutrina fundamental do sistema Sankhya.

14 A manifestação externa de um objeto acontece quando as transformações estão na mesma fase.

Nós tenderíamos a exprimir a mesma lei dizendo, por exemplo, que um som é audível quando consiste em vibrações dentro do alcance do nervo auditivo; que um objeto é visível quando, diretamente ou por reflexão, emite vibrações luminosas dentro do alcance da retina e do nervo óptico. Vibrações abaixo ou acima desse alcance não causam impressão alguma, e o objeto permanece invisível; como, por exemplo, uma chaleira de água fervente num quarto escuro, embora a chaleira esteja emitindo vibrações de calor muito próximas da luz.

Assim, quando as vibrações do objeto e as do poder de percepção estão na mesma fase, acontece a manifestação externa do objeto.

Parece haver ainda a sugestão de que o aparecimento de um objeto no "presente", ou o seu ocultamento no "passado" ou no "futuro", também é uma questão de fase; e, assim como a gama de vibrações percebidas poderia ser ampliada pelo desenvolvimento de sentidos mais sutis, também a percepção das coisas passadas e das coisas futuras pode ser fácil a partir de um ponto de vista mais elevado.

15 Os caminhos das coisas materiais e dos estados de consciência são distintos, como se vê pelo fato de que o mesmo objeto pode produzir impressões diferentes em mentes diferentes.

Tendo mostrado que a nossa condição corporal e as nossas circunstâncias

dependem do Carma, enquanto o Carma depende da percepção e da vontade, o sábio reconhece que daí se pode tirar a falsa conclusão de que as coisas materiais em nada diferem dos estados da mente. O mesmo pensamento ocorreu, e ainda ocorre, a todos os filósofos; e, por raciocínios variados, todos chegam à mesma sábia conclusão: o mundo material não é feito pelo humor de uma mente humana qualquer, mas é antes a manifestação da totalidade do Ser invisível, quer o chamemos Mahat, com os antigos, quer Éter, com os modernos.

16 Nem os objetos materiais dependem de uma única mente, pois como poderiam continuar objetivos para os outros, se essa mente deixasse de pensar neles?

Este é apenas um desenvolvimento do pensamento do Sutra anterior, levando adiante a ideia de que, embora o universo seja espiritual, a sua expressão material é ordenada, coerente, regida por leis, e não sujeita aos caprichos ou às afirmações de uma única mente. Pode-se escapar das coisas materiais indesejadas pelo crescimento espiritual, subindo a um reino acima delas, e não negando a sua existência no plano delas. Assim, o nosso sistema não é materialista, nem idealista no sentido extremo, mas antes intuitivo e espiritual, sustentando que a matéria é a manifestação do espírito como um todo, um reflexo ou exteriorização do espírito, e que, como o espírito, obedece em toda parte à lei. O caminho da libertação não passa pela negação da matéria, mas pela negação das vontades do eu, pela obediência e por aquela aspiração que constrói a veste do homem espiritual.

17 Um objeto é percebido, ou não, conforme a mente esteja, ou não, tingida pela cor do objeto.

A manifestação mais simples disso é a questão da atenção. As nossas men-

tes apreendem o que desejam apreender; todo o resto passa despercebido; ou, por outro lado, percebemos aquilo que nos incomoda, como, por exemplo, o barulho de um trem que passa, enquanto outros, acostumados ao som, nem o notam.

Mas o sentido mais profundo é que, da vasta totalidade de objetos sempre presentes no universo, a mente percebe apenas aqueles que se conformam à cor do seu Carma. Os demais permanecem invisíveis, mesmo que estejam ao alcance da mão.

Essa lei espiritual foi bem expressa por Emerson:

"Através das coisas eternas mais sólidas o homem encontra o seu caminho como se elas não existissem, e nem sequer suspeita da sua existência. Assim que precisa de um objeto novo, subitamente o vê, e já não tenta atravessá-lo, mas toma outro caminho. Quando esgotou, por algum tempo, o alimento que se pode tirar de uma pessoa ou de uma coisa, esse objeto é retirado da sua observação e, embora ainda esteja nas imediações, ele não suspeita de sua presença. Nada está morto. Os homens fingem-se mortos e suportam funerais de mentira e necrológios tristes, e lá estão eles, olhando pela janela, sãos e salvos, sob algum disfarce novo e estranho. Jesus não está morto, está bem vivo: nem João, nem Paulo, nem Maomé, nem Aristóteles; às vezes cremos tê-los visto todos, e poderíamos facilmente dizer os nomes sob os quais andam."

18 Os movimentos da natureza psíquica são perpetuamente objetos de percepção, pois o Homem Espiritual, que é o seu senhor, permanece imutável. Eis um ensinamento da maior importância, tanto para a compreensão quanto para a prática.

À natureza psíquica pertencem todo o fluxo e refluxo das emoções, toda es-

perança e todo medo, o desejo e o ódio: as coisas que fazem a multidão dos homens e das mulheres se julgar feliz ou infeliz. A ela pertencem também o medir e o comparar, a dúvida e o questionamento, que, para essa mesma multidão, constituem a vida mental. Daí resulta a personalidade encharcada de emoção, com a sua visão escura e estreita da vida: a personalidade trêmula, impelida pelo terror, que é a própria vida para quase toda a humanidade.

Contudo, a personalidade não é o homem verdadeiro, de modo algum a alma viva, mas apenas um espetáculo que o homem verdadeiro observa. Compreendamos isso, portanto, e elevemo-nos interiormente à altura do Homem Espiritual, que, de pé na luz serena do Eterno, olha tranquilo para este tumulto da vida exterior.

Primeiro se domina a personalidade, a "mente", olhando-a assim do alto, de dentro; observando com constância o seu fluxo e refluxo, como algo objetivo, exterior e, por conseguinte, não o Eu real. Esse recuo é o primeiro passo, o desapego. O segundo, para manter a posição vantajosa assim conquistada, é o recolhimento.

19 A Mente não é luminosa por si mesma, pois pode ser vista como um objeto.

Este é mais um passo para derrubar a tirania da "mente": a natureza psíquica da emoção e da medição mental. Esse eu psíquico, a personalidade, pretende ser absoluto, afirmando que a vida existe para ela e por meio dela; procura impor a todo o ser do homem a sua visão estreita, materialista e sem fé da vida e do universo; quer cortar as asas da Alma que voa alto. Mas a Alma destrona o tirano, percebendo e afirmando com firmeza que o eu

psíquico não é eu verdadeiro algum, não é luminoso por si mesmo, mas apenas um objeto de observação, vigiado pelos olhos serenos do Homem Espiritual.

20 Nem poderia a Mente, ao mesmo tempo, conhecer a si mesma e as coisas exteriores a ela.

A verdade é que a "mente" não conhece nem as coisas exteriores nem a si mesma. Seu medir e analisar, seu esperar e temer, odiar e desejar jamais lhe dão uma medida verdadeira da vida, nem senso algum dos valores reais. Incessantemente ativa, nunca chega de fato ao conhecimento; ou, se admitirmos o seu conhecimento, ela sempre fica aquém da sabedoria, que só vem pela intuição, a visão do Homem Espiritual.

A vida não pode ser conhecida pela "mente"; os seus segredos não podem ser aprendidos por meio da "mente". A prova é a luta e a contradição incessantes de opiniões entre os que confiam na mente. Muito menos pode a "mente" conhecer a si mesma, tanto mais porque está impregnada da ilusão de que conhece de verdade, de que é de verdade.

O verdadeiro conhecimento da "mente" vem, primeiro, quando o Homem Espiritual, despertando, se mantém desapegado, olhando a "mente" do alto, com olhos tranquilos, e vendo-a como a teia emaranhada de forças psíquicas que ela de fato é. Mas a verdade é pressentida muito antes de ser vista com clareza, e então começa a longa batalha da "mente" contra o Real, a "mente" lutando com obstinação e astúcia pela sua supremacia.

21 Se se pensar que a Mente é vista por outra Mente mais interior, haveria então uma série sem fim de Mentes que percebem, e uma confusão de memórias.

Um dos expedientes pelos quais a "mente" procura negar e frustrar a Alma,

quando sente que começa a ser cercada e desmascarada, é afirmar que esse ver é obra de uma parte dela mesma, uma parte observando a outra, não deixando assim nem necessidade nem lugar para o Homem Espiritual.

A essa estratégia o nosso filósofo opõe o argumento de que isso não seria uma solução verdadeira, mas apenas um adiamento da solução. Pois teríamos de encontrar ainda outra parte da mente para observar a primeira parte observadora, e depois outra para observar esta, e assim por diante, sem fim.

A verdadeira solução é que o Homem Espiritual olha do alto para a natureza psíquica e a observa; quando ele contempla a galeria de quadros psíquicos, isso é a "memória", que seria uma confusão desesperadora e inextricável se pensássemos numa parte da "mente", com as suas memórias, olhando outra parte, com memórias próprias.

A solução do mistério não está na "mente", mas além dela, na vida luminosa do Senhor ressuscitado, o Homem Espiritual.

22 Quando a natureza psíquica assume a forma da inteligência espiritual, refletindo-a, então o Eu se torna consciente da sua própria inteligência espiritual.

Estamos considerando uma etapa da vida espiritual em que a natureza psíquica já foi limpa e purificada. Antes, ela refletia em sua substância plástica as imagens do que é terreno; agora purificada, reflete a imagem do celeste, dando à inteligência espiritual uma forma visível. O Eu, contemplando essa forma visível, na qual a sua inteligência espiritual, por assim dizer, ganhou forma palpável, alcança assim o reconhecimento de si mesmo, a com-

preensão de si mesmo. O Eu vê-se nesse espelho e assim se torna não apenas consciente, mas consciente de si. Esse é, de certo ponto de vista, o propósito de todo o processo evolutivo.

23 A natureza psíquica, assumindo a cor do Vidente e das coisas vistas, leva à percepção de todos os objetos.

No homem não regenerado, a natureza psíquica está saturada de imagens de coisas materiais, de coisas vistas, ouvidas, provadas ou tocadas; e essa teia de imagens dinâmicas forma o material comum e a força motriz da vida. A sensação das coisas doces provadas clama por ser renovada e impele o homem ao esforço de obter essa renovação; assim ele acrescenta imagem a imagem, cada uma dinâmica e insistente, empilhando o fardo intolerável do pecado.

Vem então a regeneração e a lavagem do pecado, pelo poder ardente e criador da Alma, que queima as manchas da veste psíquica, purificando-a como o ouro é refinado na fornalha. O sofrimento da regeneração brota dessa purificação indispensável.

Então a veste psíquica começa a assumir a cor da Alma, não mais manchada, mas impregnada de luz dourada; e o homem regenerado resplandece com o brilho da eternidade. Assim o Homem Espiritual se veste de belas vestes; pois desta purificação está dito: Ainda que os vossos pecados sejam como escarlate, ficarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, ficarão como a lã.

24 A natureza psíquica, que foi gravada com imagens mentais de inúmeras coisas materiais, existe agora para o Homem Espiritual, construindo para ele.

A “mente”, antes o tirano, é agora o escravo, reconhecida como exterior, se-

parada, não o Eu, um instrumento bem treinado do Homem Espiritual.
Pois não está determinado para o Homem Espiritual que, encontrando o seu reino elevado, ele entre ali por completo e desapareça da vista da humanidade. É verdade que ele habita no céu, mas também habita na terra. Tem anjos e arcanjos, as hostes dos justos aperfeiçoados, como amigos íntimos, mas ao mesmo tempo encontrou um novo parentesco com os filhos dos homens, inclinados para a terra, que tropeçam e pecam no escuro. Encontrando a ausência de pecado, descobre também que o pecado e a vergonha do mundo são seus, não para partilhar, mas para expiar; encontrando parentesco com os anjos, descobre igualmente a sua parte no trabalho dos anjos, o trabalho pela redenção do mundo.
Para essa obra, ele, que agora está no reino celeste, precisa do seu instrumento na terra; e esse instrumento ele o encontra à mão, preparado e aperfeiçoado pelas próprias lutas que travou contra ele, na personalidade, na "mente" do homem pessoal. Esse antigo tirano é agora o seu servo e embaixador perfeito, dando testemunho, diante dos homens, das coisas celestes e, mesmo neste mundo presente, fazendo a vontade e realizando as obras do Pai.

25 Para aquele que discerne entre a Mente e o Homem Espiritual, chega a plena realização do anseio pelo ser real do Eu.
Quantas vezes, na longa luta, as aspirações da Alma pareceram um sonho sem esperança, impossível, um conselho de perfeição de louco. Porém, toda aspiração mais fina e mais impossível será realizada, e dez vezes mais que realizada, uma vez vencida a longa e árdua luta contra a "mente" e a visão de mundo da mente. E então se verá que a descrença e o desespero eram apenas armas da "mente", para intimidar a Alma e adiar o dia em que o

pescoço da "mente" será posto sob o pé da Alma.
Aspiraste, quase sem esperança, à imortalidade? Serás recompensado entrando na imortalidade de Deus.
Aspiraste, na miséria e na dor, a um amor que consola e cura? Serás feito dispensador do amor divino do próprio Deus para as almas cansadas.
Buscaste ardentemente, no teu dia de fraqueza, o poder? Exercerás um poder imortal, infinito, com Deus realizando as obras de Deus.
Ansiaste, em escuridão solitária, por companhia e consolo? Terás anjos e arcanjos como amigos, e todas as hostes imortais da Aurora.
Esses são os frutos da vitória. Portanto, vence. Esses são os prêmios da regeneração. Portanto, morre para o eu, para que ressuscites para Deus.

26 Daí em diante, todo o ser pessoal se inclina para a iluminação, para a Vida Eterna.
Esta é parte do segredo da Alma: a salvação não significa apenas que uma alma será purificada e elevada ao céu, mas que todo o reino dos poderes naturais será redimido, construindo, mesmo neste mundo presente, a figura régia do Homem Espiritual.
As tradições das eras estão cheias das suas pegadas; sombras majestosas e incompreendidas, mitos, semideuses enchem as memórias de todos os povos mais nobres. Mas vem o tempo em que ele será conhecido, não mais semideus, nem mito, nem sombra, mas o Redentor sempre presente, trabalhando entre os homens pela vida e pela purificação de todas as almas.

27 Nos intervalos da batalha, surgirão outros pensamentos, pelas impressões das imagens mentais dinâmicas.
A batalha é longa e árdua. Que não haja engano quanto a isso. Não partas para esta batalha sem calcular o custo. Eras inteiras serviram para fortalecer

o inimigo. Eras de conflito precisam ser gastas antes que o inimigo, completamente vencido, se torne o servo, o ministro da Alma junto à humanidade.

E dessas eras há muito passadas, nas horas em que o combate esmorece, virão novos inimigos, filhos nascidos da mente que surgem para lutar pela mente, reforços vindos de anos esquecidos, de vidas esquecidas. Pois, uma vez iniciado este conflito, ele só pode terminar com uma vitória completa e a rendição incondicional e sem reservas do vencido.

28 Esses devem ser vencidos assim como foi ensinado que os obstáculos devem ser vencidos.

Esses novos inimigos e medos devem ser vencidos renovando sem cessar a luta, com uma persistência firme e obstinada, na vitória ou na derrota, que envergonhe a teimosia das rochas. Pois a Alma é mais antiga que todas as coisas, e invencível; é da própria natureza da Alma ser inconquistável.

Por conseguinte, continua a lutar, sem esmorecer; sabendo que a vontade espiritual, uma vez desperta, chegará, pelo esforço do combate, à sua plena força; que o terreno conquistado pode ser mantido para sempre; que, por grande que seja o peso morto do adversário, ele ainda é mensurável, enquanto o Guerreiro que luta por ti, e por quem tu lutas, é, em poder, imensurável, invencível, eterno.

29 Aquele que, depois de ter alcançado, está completamente livre do eu, chega à essência de tudo o que pode ser conhecido, reunida como uma nuvem. Essa é a verdadeira consciência espiritual.

Já foi dito que, no começo do caminho, devemos extirpar a ambição, a grande maldição, a erva daninha gigante que cresce com tanta força no coração do discípulo devotado quanto no homem do desejo. O remédio é o

sacrifício do eu, a obediência, a humildade; aquela pureza de coração que dá a visão de Deus. Daí em diante, aquele que alcançou fica envolto na essência de tudo o que pode ser conhecido, como numa nuvem; tem aquela iluminação perfeita que é a verdadeira consciência espiritual. Pela obediência à vontade de Deus, chega à unidade de ser com Deus; é iniciado na visão que Deus tem do universo, vendo toda a vida como Deus a vê.

30 Daí vem o fim do sofrimento e do fardo do trabalho.
Esse, diz-se, está livre do laço do Carma, do fardo do trabalho, daquela dívida para com as obras que vem das obras feitas por amor-próprio e desejo. Livre da vontade própria, está livre também do sofrimento, pois o sofrimento vem da luta da vontade própria contra a vontade divina, pela pressão corretora da vontade divina, que procura contrabalançar o mal causado pela desobediência. Quando cessa o conflito com a vontade divina, cessa o sofrimento, e aquele que cresceu na obediência entra assim na alegria.

31 Quando todos os véus se rasgam e todas as manchas são lavadas, o seu conhecimento se torna infinito; pouco lhe resta a conhecer.
O primeiro véu é a ilusão de que a tua alma está, de algum modo permanente, separada da grande Alma, o Eterno divino. Quando esse véu se rasgar, discernirás a tua unidade com a Vida eterna. O segundo véu é a ilusão de uma separação duradoura em relação aos teus outros eus, quando na verdade a alma que está neles é una com a alma que está em ti. O pecado e a vergonha do mundo são o teu pecado e a tua vergonha: e a sua alegria também.
Rasgados esses véus, entrarás no conhecimento das coisas divinas e das coisas humanas. Pouco te restará desconhecido.

32 Daí em diante, completa-se a série de transformações das três potências da natureza, pois o seu propósito foi alcançado.

É parte da beleza e da sabedoria dos grandes ensinamentos indianos, tanto do Vedanta quanto do Ioga, sustentar que toda a vida existe para os propósitos da Alma, para a formação do homem espiritual. Ensinam que toda a natureza é um processo ordenado de evolução que conduz a isso, foi concebida para esse fim e existe só para isto: fazer nascer e aperfeiçoar o Homem Espiritual. Ele é a coroa da evolução: com a sua vinda, alcança-se a meta de todo desenvolvimento.

33 A série de transformações divide-se em momentos. Quando a série se completa, o tempo dá lugar à duração.

Há duas espécies de eternidade, diz o comentário: a eternidade da vida imortal, que pertence ao Espírito, e a eternidade da mudança, que é inerente à Natureza, a tudo o que não é Espírito. Enquanto nos contentarmos em viver na Natureza e para ela, no Círculo da Necessidade, o Samsara, condenamo-nos à mudança perpétua. O que nasce precisa morrer, e o que morre precisa renascer. É mudança para sempre, uma série incessante de transformações.

Mas o Homem Espiritual entra numa nova ordem; para ele já não há mudança eterna, mas Ser eterno. Ele entrou na alegria do seu Senhor. Esse nascimento espiritual, que o faz herdeiro do Eterno, põe fim à mudança; é a culminação, a transformação que coroa todo o reino da mudança.

34 A vida espiritual pura é, por conseguinte, a dissolução inversa das potências da Natureza, que se esvaziaram do seu valor para o Homem Espiritual; ou é o retorno do poder da Consciência pura à sua forma essencial.

Temos aqui uma esplêndida generalização, na qual o nosso sábio filósofo fi-

nalmente reconcilia os naturalistas e os idealistas, exprimindo a coroa e o fim do seu ensinamento, primeiro nos termos do naturalista e depois nos termos do idealista.

O nascimento e o crescimento do Homem Espiritual e a sua entrada na herança imortal podem ser vistos, diz o nosso filósofo, ou como a culminação de todo o processo de evolução e involução natural, em que "aquilo que brotou do abismo sem limites volta para casa"; ou podem ser vistos, como os vedantinos os veem, como a restauração da Consciência espiritual pura à sua forma original e essencial. Não há discrepância nem conflito entre essas duas visões, que são apenas dois relatos da mesma coisa. Portanto, os que estudam o sábio filósofo, sejam naturalistas ou idealistas, não têm desculpa para se demorar em sutilezas ou disputas dialéticas. Essas coisas são tiradas do seu caminho, para que não sejam tentados a se deter nelas, e eles ficam diante do próprio caminho, que se estende para cima e para a frente, a partir dos seus pés, até as colinas eternas, radiantes de Luz infinita.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0